



UFRRJ

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

DISSERTAÇÃO

“Circular, Empreender e Evitar”: Sobre como se movem as mulheres em uma favela da zona oeste carioca.

RIMYLA VERÔNICA DE OLIVEIRA BARBOSA

Rio de Janeiro

Agosto, 2018



UFRRJ

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

“Circular, Empreender e Evitar”: Sobre como se movem as mulheres em uma favela da zona oeste carioca.

RIMYLA VERÔNICA DE OLIVEIRA BARBOSA

Sob orientação da Professora

Professora Dra.º Carly Barboza Machado

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de concentração em Antropologia.

Rio de Janeiro

Agosto, 2018

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B238c Barbosa, Rimyla Verônica de Oliveira, 1993-
 Circular, empreender e evitar: sobre como se
 movem as mulheres na favela da zona oeste carioca /
 Rimyla
 Verônica de Oliveira Barbosa. Rio de Janeiro, 2018.
 60 f.

 Orientadora: Carl y Barboza Machado .
 Dissertação (Mestrado) . Universidade Federal
 Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-
 Graduação em Ciências Sociais, 2018.

 1. Empreendedorismo. 2. Mulheres. 3. Favela do
 Rio de Janeiro. 4. Mobilidade. I. Machado, Carl y
 Barboza, 1975-, orient. II Universidade Federal
 Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação
 em Ciências Sociais 111. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Rimyla Verônica de Oliveira Barbosa

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Ciências Sociais.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 31/08/2018

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC, ou do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e neste caso a folha com a assinatura deve constar como anexo ao final da tese / dissertação

Carly Barboza Machado. Doutora. UFRRJ (orientador)

Edson Miagusko. Doutor. UFRRJ

Márcia da Silva Pereira Leite. Doutora. ICS/UERJ



Emitido em 2021

TERMO Nº 773/2021 - PPGCS (12.28.01.00.00.00.91)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 15/07/2021 17:27)

CARLY BARBOZA MACHADO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptCS (12.28.01.00.00.00.83)
Matrícula: 1794090

(Assinado digitalmente em 02/08/2021 12:02)

(Assinado digitalmente em 15/07/2021 10:48)

EDSON MIAGUSKO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptCS (12.28.01.00.00.00.83)
Matrícula: 1804137

MARCIA DA SILVA PEREIRA LEITE

ASSINANTE
EXTERNO CPF:
310.882.447-34

Para verificar a autenticidade deste documento entre em informando seu número: **773**, ano: **2021**, tipo:
TERMO, data de emissão: **15/07/2021** e o código de verificação: **203a72758f**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer ao meu Senhor Jesus pela oportunidade de terminar minha pesquisa. Agradeço aos meus familiares por estarem sempre comigo, especialmente ao meu marido pela paciência. Quero agradecer aos professores, Carly Machado pela maravilhosa orientação, Alessandra Rinaldi, Vinícius Rodrigues, Edson Miagusko e Márcia Leite pela generosidade no acompanhamento de minha pesquisa. Muito obrigada por acreditarem em mim e na minha pesquisa. À Rediane e Marielma que me permitiram fazer parte de suas vidas e de suas tramas.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

RESUMO

Neste trabalho busco apresentar a favela do Rola que está localizada no bairro de Santa Cruz, zona oeste do Rio de Janeiro. A favela do Rola faz fronteira com as favelas do Antares e do Cezarão. Nestes territórios, cercados por seus embates de poder, de dominação e de articulação por causa da disputa entre traficantes e milicianos por estes territórios é que estão inseridas as trajetórias de vidas de diferentes mulheres. Para os objetivos deste trabalho escolhi trabalhar trajetórias de duas mulheres moradoras da favela do Rola: Rediane, uma mulher que tem como características as suas dinâmicas de trabalhos, com destaque para as suas relações com os moradores, traficantes e outras mulheres inscritas por essas dinâmicas. Outra trajetória de vida escolhida é a de Marielma, uma mulher que trabalha nos circuitos de baile funk, e tem sua vida e seu corpo marcados pelo medo e pela insegurança. As tramas das vidas dessas mulheres evidenciam modos de habitar fronteiras urbanas, porém não de forma estática, mas de forma fluída, no sentido de que ambas se locomovem nesse cenário constituído de embates que parecem limitar e possibilitar a circulação de homens e mulheres de modos significativamente diferentes.

Palavras-chave:

Empreendedorismo; Mulheres; Favela do Rio de Janeiro; Mobilidade.

ABSTRACT

In this work I seek to present the Rola favela located in the Santa Cruz neighborhood, west of Rio de Janeiro. The Rola favela borders the Antares and Ceezarão favelas. It is in these territories, surrounded by their struggles for power, domination and articulation because of the dispute between drug dealers and militiamen over these territories, that the trajectories of different women's lives are inserted. For the purposes of this work, I chose to work on the trajectories of two women who live in the Rola favela. Rediane, a woman who is characterized by her work dynamics, with emphasis on her relationships with residents, drug dealers and other women involved in these dynamics. Another chosen life trajectory is that of Marielma, a woman who works in the funk dance circuits, and whose life and body are marked by fear and insecurity. The plots of these women's lives show ways of inhabiting urban borders, but not statically, but fluidly, in the sense that both move in this scenario made up of clashes that seem to limit and enable the circulation of men and women in significant ways. Many different.

Keyword:

Entrepreneurship; woman; Favela do Rio de Janeiro; mobility

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| RESUMO | 7 |
| INTRODUÇÃO: Lembranças de um passado marcadas por um presente..... | 10 |
| Capítulo 1: Teias de Relações | 16 |
| 1.1 Trajetórias de Rediane..... | 16 |
| 1.2 Dinâmicas Econômicas..... | 19 |
| 1.3 Relações face a face..... | 25 |
| Capítulo 2: Mobilidades Empreendedoras dos corpos..... | 31 |
| 2.1 Corpos Móveis..... | 31 |
| 2.2 Os corpos dos favelados/pobres..... | 34 |
| 2.3 Corpo : empreendimento da (in) segurança..... | 35 |
| 2.4 Corpos que empreendem a “beleza que faz sentido”, e a produção de corpos estáveis para cidade..... | 40 |
| Capítulo 3: “É melhor evitar” | 47 |
| 3.1 “É melhor evitar as andanças”..... | 48 |
| 3.2 O que as mulheres têm que evitar? | 50 |
| 3.3 Intimidade com os “bands” Cuidado com quem saí com “melissa” e quando é melhor deixar as caloteiras “pra lá”..... | 51 |
| 3.4 “Piriguetonas” e “Novinhas”: Rivalidades e sofrimentos..... | 53 |
| 3.5 O silêncio na hora certa..... | 54 |
| 3.6 Roupa que fala errado (Roupa de puta e Roupa de polícia)..... | 55 |
| Considerações Finais: Pelo circular das mulheres..... | 59 |
| Referências Bibliográficas..... | 61 |

INTRODUÇÃO

LEMBRANÇAS DE UM PASSADO MARCADAS POR UM PRESENTE

O meu primeiro contato com a favela do Rola em Santa Cruz foi aos meus 8 anos de idade. Levando em consideração que no presente momento da pesquisa eu estou com 24 anos de idade, tenho então de idas e vindas do Rola por 16 anos. É claro que em boa parte deste tempo eu não me coloquei sendo uma pesquisadora, mais sim uma visita que frequentava e ainda frequenta a casa dos seus tios e tias não somente em datas comemorativas, natal, aniversários, batizado, ou nas férias, mas em vários momentos ao longo do ano.

Eu ainda tenho em minha memória a recordação da primeira vez que fui à favela do Rola. Para mim era um dia normal. Já para minha mãe, era um dia de medo, de recomendação em cima de recomendação. “- *Olha a minha filha, pelo amor de Deus! Toma conta dela. Não deixa esta garota na rua*”. Tudo ocorreu muito bem para alívio da minha mãe. Com isso, eu podia visitar minhas tias e crescer cercada por suas amizades. Eu andava pelas ruas, pelos becos, pelas casas das amigas das minhas tias sem nenhum problema. A partir dessa minha relação de convívio eu pude conhecer Rediane e Marielma e entrar na dimensão cotidiana de suas casas, de suas vidas e de suas tramas.

Mas antes de falar dessas mulheres, eu gostaria de recordar minha transição de visitante para pesquisadora que foi no início de 2015 e eu estava com 21 anos. Uma amiga minha estava cursando um curso lato sensu na UERJ em Sociologia Urbana e estava para acontecer uma palestra em um determinado dia da semana, e ela me fez o convite para participar como ouvinte e lógico que de cara eu aceitei. Quando eu cheguei à UERJ entrei e logo sentei a fim de participar e apreender o máximo da palestra. Alguns professores já haviam falado, mas foi a fala de uma professora a respeito das favelas do Rio de Janeiro que chamou minha atenção e me fez refletir sobre a não presença das favelas de Santa Cruz em especial o Rola localizada na Oeste em sua fala.

O Rola não é uma favela formada por morros: ela se constitui por terrenos planos. Com suas principais ruas asfaltadas, apenas os becos não são asfaltados. Várias casas têm em seus muros marcas da presença de pichações enaltecendo o comando do tráfico presente, e as dores causadas pelas saudades dos que já morreram ou dos que estão presos. Barricadas, sofás e cadeiras fazem parte da “ornamentação” das ruas. Os bares, comércios, igrejas, marcam este território terreno e sonoro com suas altas músicas. E os vários pontos de drogas que estão presente também constituem a favela.

Quando entrei no mestrado no ano de 2016 eu percebi o quanto “afetada” eu estava pela favela do Rola. Jeanne Fravet- Saada (2005) me ajudou a entender que às vezes, bem mais do que participar ou observar, o caminho da pesquisa antropológica é você se permitir ser afetado, e devido essa minha relação com o lugar, com as mulheres, pude perceber como estamos sempre numa contínua mudança. E essas vidas de mulheres mudam e se adaptam e readaptam ao lugar, e às suas fronteiras.

Eu conheci Rediane com 8 anos de idade. Minha tia dizia que Rediane era uma das mulheres mais bonitas da favela. Essa mulher sempre chamou minha atenção pelas manobras às quais sua vida estava ligada em relação ao mercado informal do trabalho. Conheci Marielma também na mesma faixa de idade, e o que chamava minha atenção nela era o medo de continuar engordando demais e não conseguir emagrecer ao longo do tempo. A partir da vida dessas mulheres o meu objetivo de pesquisa é identificar suas redes de compartilhamento econômico assim como as redes de sociabilidades dessas duas mulheres. Pretendo ainda verificar as relações e fluxos das informalidades/formalidades, e uma possível relação entre o legal e o ilegal que não somente aparece nos cenários de suas práticas de trabalho, mas também nas suas falas, nas experiências contadas por elas e suas mobilidades nas fronteiras existentes nesta favela. O problema está em como nessas “*trajetórias urbanas*” de mulheres se formaliza uma relação de fluxo e de estratégias para saber acionar os diferentes modelos de informalidade de cunho trabalhista com a “*sociabilidade violenta*” do local.

O processo de construção do imaginário da população a respeito dos moradores de favela e da própria favela foi, como nos aponta Lícia Valladares (2000), formulado a partir de uma ideia de pobreza, miséria, vadios, malandros, trabalhadores - tudo herança dos cortiços. A relevância social e científica dos estudos sobre favelas vem se apresentando desde 1950 e estendendo-se até o final dos anos 60 na formulação desse imaginário coletivo. As pesquisas começam a considerar a favela como um tema

relevante de estudo a partir da inauguração do trabalho de campo usando os métodos das ciências sociais. Nos anos 70, como demonstra Licia Valladares (2005), o que se buscava com esses estudos sobre favela era uma investigação sobre a pobreza urbana, e os modos de vidas das pessoas que viviam nestes territórios da pobreza. Estes estudos chegaram a muitas conclusões relevantes sobre esse tema. Já no final de seu livro, Valladares (2005) deixa pista que os estudos agora não mais deveriam se voltar para a favela como sinônimo de pobreza, mas para uma mobilidade de seus moradores que transitam nos mercados informais, ilegais que constituem essas favelas, contribuindo para uma economia que ultrapassa os campos de fronteiras.

Ao analisar os vários lugares de fala dos antropólogos sobre favela pude pensar em qual seria o meu lugar de fala. Vários trabalhos nos ajudam a pensar esses lugares. Alba Zaluar (1985) me ajudou a perceber a construção de um pesquisador que vem de fora sem ser um morador de favela que precisa lidar com o “*medo diante do desconhecido*”. Por outra chave de análise, é possível pensar no pesquisador morador de favela que compreende que ele mesmo pode falar de si sem ser este outro externo. Quanto a mim, não sou uma moradora de favela, nem alguém que vem de fora a fim de pesquisar o local. E eu entendo ser esse meu lugar de fala, esse meu lugar de fronteira, esse meu lugar de mobilidade a partir do qual estou inserida e que me ajuda a refletir sobre as tramas existentes a partir dos próprios lugares de pesquisa.

Estudos mais recentes sobre a favela mostram como as mulheres cada dia mais têm se posicionado como chefes de famílias e transitam por esses caminhos porosos da vida sendo protagonistas de profundas mudanças econômicas. A pesquisa que aqui proponho pretende abordar este tema a partir de uma favela da zona oeste localizada em Santa Cruz, considerada uma das zonas mais pobres da cidade. Porém, não é do cunho da pesquisa se abarcar nesse discurso da pobreza e sim mostrar como essas mulheres se localizam nesses trâmites, e são consumidoras de produtos estéticos, de móveis, utensílios domésticos e vendedoras. Tendo a consciência que cada relação se dá de uma maneira diferente em função do lugar de realização da mesma, este trabalho pretende também abrir caminhos de conversas sobre as favelas de uma maneira em geral.

A favela do Rola, como as outras favelas da Zona Oeste, se constitui em território plano, diferentemente das favelas da zona sul que se formam em morros e encostas. Também, é uma favela conhecida por sua “*faixa de Gaza*”. A Avenida Cesário de Melo divide o Cezarão - área dominada pelos milicianos - e o Rola e

Antares - favelas dominadas pela facção do Comando Vermelho. A tomada da favela do Rola é desejada pelos milicianos e defendida com unhas e dentes pelos traficantes. Tudo isso, por ser o Rola uma favela com várias saídas, becos e vielas o que permitiria uma fácil saída.

O baile funk que acontece na favela do Rola é organizado pelos próprios traficantes que levam alguns MC's para cantarem nos bailes. A organização também é de responsabilidade deles, e são os traficantes que permitem que as mulheres trabalhem nas barracas dos bailes funks vendendo bebidas alcoólicas, comidas, e outras coisas. A segurança do evento também é responsabilidade deles. É cobrado um valor por parte dos traficantes aos barraqueiros pela segurança por causa dos milicianos e dos policiais.

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi o trabalho de campo, a partir da perspectiva teórica de Veena Das e Deborah Poole (2008) sobre as margens, e pela ótica de Vera Telles (2010) que afirma que margens não se definem pelos territórios, ou pelos espaços geográficos e sim pelas relações que se tecem “[...] *não a margem do estado, mas justamente conforme as forças destes*” (2010:215). Não é uma cidade fora da outra cidade, mas uma cidade que convive e se esbarra na outra. Dependendo dos interesses, ambas convivem juntas e esse conceito de Das e Poole (2008) que me interessa utilizar em minha pesquisa.

Busquei trabalhar com a abordagem de Telles (2010) por uma etnografia experimental com o interesse de mostrar uma mobilidade por parte do trabalhador assalariado que se constrói na cidade gerando novas redes de sociabilidades vistas como novas formas de sobrevivência. Telles (2010), também aponta para relevância do consumo, haja vista, que esse consumo não só oferece benefícios para cidade, mas como também para periferias, acarretando muita das vezes pelos mercados informais e seus atores que transitam nessas linhas das margens e cidades.

O acesso dos mais pobres aos bens de consumo e as facilidades que agora estão sendo disponibilizadas com os cartões de créditos, também possibilitam essa relação. O mais interessante é como a cidade vai se tornando diferente: a partir do tempo essa mudança é muito bem vista por Telles (2010), pois o objeto, no caso a cidade, também se constrói por essas mudanças. Por isso, a proposta dela de uma etnografia experimental que inventa seus próprios critérios no ato da pesquisa.

Escolhi trabalhar com trajetórias de vidas de mulheres urbanas em suas práticas sociais por acreditar nas várias formas de capilaridade que se formam o cotidiano de Rediane e Marielma. Em um dado momento da escrita de minha pesquisa fiquei a relutar comigo se deveria colocar o nome verdadeiro dessas mulheres. Logo pensei que seria uma invasão e uma forma de exposição muito grande, por isso decidi optar por trabalhar com nomes fictícios das mulheres, mas por uma questão de cuidado. Então, é nessa teia de relações em que essas duas mulheres são inseridas e convivem é que formam vidas como uma colcha de retalhos que num plano mais amplo são entrelaçadas por uma linha de pesquisa. Vidas entram pelos caminhos dos antropólogos e sociólogos diariamente e o que fazem ser acompanhadas é justamente essa relação que se ocasiona numa simples convivência do dia-dia.

Nunca estamos sozinhos em nossas lembranças, pois elas estão sempre acompanhadas de outros “atores”, outras pessoas que fazem parte de nossas vidas. Isso nos faz pensar que essas lembranças nunca são apenas nossas, mas são lembranças compartilhadas com outros.

As duas mulheres que dão corpo a esta pesquisa posicionam-se ambas como vendedoras dentro da favela e as duas vendem mercadorias, ora de comida, ora de produtos de beleza. Apesar de terem os mesmos compradores, suas narrativas de interação são diferentes. Cabe ao pesquisador olhar essas trajetórias com certo cuidado, pois são diferentes, não só na interação com as mesmas pessoas, mas também, com pessoas diferentes. A mesma relação de trabalho que uma tem com o bandido a outra não tem. Por isso, o pesquisador é o pesquisador corpo, não tem só olhos presentes, mas todo o corpo está presente em sua pesquisa.

Concluo, com a visão de que as vantagens metodológicas por parte do trabalho de campo me auxiliam no desenvolvimento metodológico de minha pesquisa, haja vista que minhas escolhas me levaram ao uso dessas ferramentas. Estou ciente de que outras ferramentas são disponíveis para o bom desenvolvimento de uma pesquisa, mas acredito que as ferramentas escolhem o pesquisador, sendo assim, ambos os métodos me escolheram. Toda ferramenta possui algumas limitações, não poderiam ser diferentes dessas.

As dinâmicas de trabalhos de Rediane e suas interações com os demais vão me aparecendo no decorrer de suas trajetórias e no decorrer de minhas visitas e até mesmo em minhas memórias de conversas soltas em algumas tardes não datadas de férias. No

primeiro capítulo escolho iniciar com Rediane e suas estratégias. Discuto a trajetória de sua vida, com ênfase nas dinâmicas econômicas por ela mobilizadas e a teia de relações por estas formada.

O mundo do medo da insegurança do corpo, da vida faz com que o meu segundo capítulo seja conduzido por Marielma e suas inseguranças. Em um primeiro momento busco mostrar neste capítulo como as práticas de mobilidades de Marielma apresentam-se em suas virações e as várias movimentações do seu corpo. Na segunda parte aponto como eram tratados e classificados os corpos favelados de uma forma estigmatizada por parte da pobreza em que estavam inseridos. Na terceira parte ressalto a dimensão do corpo de Marielma como um corpo morada do medo e da insegurança. No quarto momento busco mostrar como as marcas de revistas de cosméticos e seus slogans podem prospectar um novo modelo de empreendedorismo em busca de corpos estáveis para cidade.

O meu terceiro capítulo passa por um circuito formalizado pelo “*evitar*”, tanto para homens quanto para mulheres nesta favela. No primeiro tópico busco trabalhar com a ideia de que o melhor é “*evitar as andanças*”, ou seja, “*não ficar de um lado para o outro*”. Na segunda parte, busco analisar como o “*evitar*” se apresenta na vida dessas mulheres e como acarreta, em suas próprias falas, um risco. Na terceira parte, analiso as abreviações e ocultações que as palavras podem sofrer para apontar intimidade, envolvimento amoroso e afastamento no dia-dia. Na quarta parte, aponto os sentimentos de rivalidade e o sofrimento que podem ser gerados por “*piriguetonas*” e “*novinhas*”. No quinto tópico, a partir de um episódio que acontece com Marielma, podemos observar como em algumas situações o silêncio “*vale ouro*” e o não testemunhar é melhor ainda. Para última análise deste capítulo percebo que não somente a fala pode ser exposta de maneira errada, mas também as roupas podem ser geradoras de perigo e medo.

CAPÍTULO 1: TEIAS DE RELAÇÕES

1.1 TRAJETÓRIA DE REDIANE.

Rediane é uma moradora da favela do Rola e passou a morar nessa favela quando ainda era uma adolescente de 13 anos, com toda sua família. No início da presente pesquisa, no ano de 2016 ela estava com 42 anos. Rediane me afirmou que desde seus 16 anos queria uma vida melhor, queria ter sua casa e uma independência financeira. Rediane se apresenta como uma pessoa muito comunicativa com todos, apesar de me contar que “*era muito invejada*”, pois é muito vaidosa e sempre gostou de andar arrumada e de ter um corpo malhado, o que causaria inveja nas outras mulheres, fruto provocado por ter “*tamanha beleza*”. Ela me conta que já está acostumada com as invejas alheias e isso em certo ponto até seria bom, pois significa que era alguém importante. Existem pessoas que possuem uma grande habilidade de ter uma vida fluída no sentido de permear as várias fronteiras que aparecem no seu cotidiano. Telles (2010) vai dizer que algumas pessoas conseguem fazer parte de campos sociais e assim ter uma influência na sua localidade, seja na posição de morador, na posição de comerciante, ou nas próprias relações que são geridas pelos atores. Tal como se apresenta a mim, assim é a trajetória de Rediane.

A vida de Rediane passa por um fluxo de fronteiras, cujos caminhos aparecem no decorrer de suas relações com os moradores da favela, inclusive os traficantes, relações essas que advém prioritariamente de uma rede econômica. Mais em alguns pontos de ligações essas relações permeiam campos fora da economia. Por algumas vezes eu escutei um rumor por parte da família de Rediane a respeito de um possível relacionamento amoroso dela com um bandido. Num dia em que fui visita-la em sua casa estávamos a conversar sobre o relacionamento dela com o marido, e no desenrolar da conversa o tal rumor tomou proporção verídica quando ela decidiu me contar que em sua juventude começou a namorar um rapaz morador da própria favela, porém esse rapaz andava nas bocas de fumo e no meio da bandidagem, mas Rediane não o considerava bandido, nem assaltante. Segundo ela, ele só gostava de ficar ali “no bonde” com alguns amigos que eram bandidos.

Com o passar do tempo ela já não tinha mais liberdade, pois ele estava se tornando muito controlador. Rediane acaba então, rompendo com ele. O que parece ser apenas um simples fim de namoro começa a se complicar quando ele entra de vez no crime. A vida dele já era um pouco nebulosa no sentido de pertencer ou não pertencer ao crime. Fato é que para família de Rediane esse rapaz era sim, um dos bandidos da favela. Sua família de forma mais clara me explica que esse rapaz não só ficava de amizade com os bandidos, como também era um deles. Ou seja, ele era na verdade um dos bandidos que mandava na favela. Esse namorado passou por diversas categorizações na fala de Rediane e sua família. Não era bandido (inocente), depois suposto envolvido, por fim um dos donos da boca. Quando então, definitivamente está no crime, ele começa a perseguir Rediane não aceitando o fim do namoro. Em uma medida drástica essa mulher decidiu ir diretamente ao chefe da boca para falar o que estava acontecendo.

Ao me contar, percebo um ar de vitoriana na sua fala como se estivesse narrando um texto do gênero épico, o que tem como característica narrar acontecimentos heróicos, e esse era um sentimento presente na fala de Rediane ao mostrar coragem de falar pessoalmente com o chefe da boca e pedir ajuda no crime. Contou-me que ao falar com o chefe da boca, ele garantiu que ela não mais seria incomodada, já que a mesma havia terminado o relacionamento em paz “*sem nenhuma traição*”. Após alguns meses, ou semanas, ela informa que em uma operação da polícia o seu ex-namorado, ex-perseguidor terminou sendo morto em uma troca de tiros com a polícia. Daquele dia em diante, ela optou por não mais ter nenhuma relação amorosa com quem está no crime, ou “*apenas na beirada*”. Fato é que o legal e ilegal como estamos acostumados a nos deparar aparece definido pelo o que é “*perigoso*” para Rediane. Há um nível de perigo na afirmação dela ao dizer que namorou um bandido então ela afirma a sua legalidade amorosa ocultando toda camada de ilegalismo possível. Mas quando o perigo vem, ela procura o ilegal para tirá-la da zona de perigo.

Rediane hoje é uma mulher casada, que tem sua casa e sua tão sonhada independência financeira. Como dona de casa, faz de tudo para manter sua casa impecável, muito bem arrumada, com móveis novos e sempre bem organizada. Prepara a marmita do seu marido, lava, passa suas roupas e faz de tudo para mostrar que dá conta dos serviços domésticos. O interesse em manter sua casa limpa “*é para quem chegar ter uma boa impressão*” de sua casa e não a impressão de que sua casa é suja, ou

de que é uma “mulher porca”. Rediane veio de uma família com muitos irmãos, mas ela nunca pensou em ter muitos filhos. Dizia que “mais pra frente” ao chegar a idade, certamente, a ideia de ter um filho começaria a ser mais presente em sua vida.

O desejo de ser independente e de ganhar um dinheiro com “o suor do seu rosto” fez crescer em Rediane uma enorme vontade de trabalhar por isso. Trabalhar sem carteira assinada nunca foi problema para Rediane, pois ela sempre deu um jeito para ganhar seu dinheiro. Luis Antônio Machado da Silva (2002) aponta que a falta de carteira assinada está sendo tida com mais naturalidade pelas novas gerações do que pelas antigas. Ao perguntá-la o porquê de nunca ter trabalhado de carteira assinada, a explicação foi que não consegue se imaginar recebendo ordem de ninguém e que, pelo contrário, ela gosta de mandar.

Com suas vendas, bicos e trabalhos informais, conseguia algumas vezes ter um lucro financeiro maior do que quem trabalha o mês todo. Porém, a necessidade de ter no mínimo uma garantia faz com que Rediane tomasse a decisão de pagar seu INSS como autônoma pensando no futuro, pois se acontecesse alguma coisa, estaria segura. “A doença aparece quando não se espera”, diz Rediane, e se ela caísse doente como iria fazer para ganhar seu dinheiro? Por isso que, pagando o INSS, sente-se mais calma quanto a esses infortúnios da vida. Outra preocupação dela era “manter seu nome limpo”, pois era com o nome limpo que ela poderia ter crédito para obter os seus produtos nas revistas de cosméticos para revender, já que com o nome inadimplente ela não teria capital para trabalhar, o que significa não ter dinheiro.

Rediane me conta que um dos motivos para ter o que tem hoje foi sua coragem e força de vontade para mudar e não aceitar a realidade precária que se apresentava a ela. O importante era proporcionar um conforto de vida não somente para si, mas também “para sua casa”. É interessante perceber a relação entre Rediane e sua casa: os aparelhos domésticos novos comprados para sua casa, seu orgulho de ter o dinheiro para pagar um táxi ao voltar do mercado trazendo as compras que enchem a dispensa, o que constitui uma relação muito íntima entre ela e o espaço doméstico que a apresenta e representa.

Rediane é uma mulher que sabe tirar proveito das virações que são constituídas nas suas dinâmicas econômicas que se formam a partir das relações travadas pelo contato, isso a faz ser uma mulher com garra e determinação para mudar. Apresentarei melhor estes aspectos de sua vida na próxima seção do texto.

1.2 DINÂMICAS ECONÔMICAS

A trajetória de Rediane é marcada por vários empregos informais que fazem parte dos fluxos de serviços dela e mostra sua criatividade. Sua vida percorre uma linha tênue nas fronteiras da economia formal e informal. Para Moises Kopper, a:

definição antropológica sobre o informal é intrinsecamente problemática, na medida em que as noções que a informam devem ser, por definição emicamente construídas e, portanto, variáveis de contexto para contexto. Nessa perspectiva, deve-se observar as complexidades com que categorias como informal, ilícito, e ilegal se entrecruzam e dão origem a distintos marcos regulatórios (KOPPER, 2015:254).

A noção de “*informal*” surge a partir de uma grande instabilidade econômica que se originou numa profunda falta de emprego. Mas para Luiz Antonio Machado da Silva (2002) a noção de informal também serve para implicar outra problemática “[...] *se não exatamente do emprego, ao menos da mobilização ativa do trabalho [...]*” (Machado 2002:83). O texto de Machado serve para nos abrir uma questão a respeito dos limites do conceito que a própria palavra informalidade ganha no contexto do Brasil. A informalidade possui uma noção ambígua que ora é usada no sentido do emprego, ora é usada para a própria mobilização do trabalhador. Mas, o que vale a pena enfatizar da informalidade são “[...] *as atividades dos trabalhadores [...]* nas suas *continuidades e descontinuidades [...]*” (2002:84).

No decorrer desses processos os trabalhadores se inseriam em trabalhos não regulamentemente assalariados. O que acarretou numa contraposição entre o “informal” e “formal” que tem como característica ter nas atividades formais de trabalho aquelas ligadas a um ordenamento legal, ao passo que o “informal” não teria suas atividades ligadas a esse ordenamento. Os comerciantes informais são considerados pessoas que não possuem nenhuma segurança empregatícia por trabalhar nesses mercados informais. Mercados considerados não hegemônicos por terem um fluxo constante de atividades e de pessoas.

Em meados dos anos 2000 houve um crescimento na economia do país que proporcionou uma distribuição de trabalhos formais com melhores distribuições de renda, mas ainda era possível encontrar trabalhadores inseridos nas práticas informais de trabalho.

Um desses trabalhadores era Rediane que começava a trabalhar em um primeiro momento como manicure e pedicure, indo de casa em casa com hora marcada para fazer a unha das suas clientes. Esse primeiro trabalho possibilitou ter um contato maior com as mulheres da favela e também “*saber de tudo o que acontecia*”. Vamos pensar no espaço do salão de beleza: além dos aparelhos, esses espaços são formados por pessoas que começam a interagir umas com as outras. Quando as mulheres estão reunidas surgem comentários e fofocas sobre diversos assuntos. Apesar de estar na casa das suas clientes fazendo seu dinheiro, Rediane também acaba tirando dessa movimentação de uma casa à outra informações da vida das outras pessoas o que é às vezes, inevitável, pois nesse fluxo a comunicação entre o emissor e receptor acontece de maneira clara e rápida. Como ela diz: “- *Eu ficava sabendo de tudo e me limitava a responder: - Menina! Eu não sabia!*”. Dizer que “não sabia de nada” era um sistema acionado por Rediane para não se colocar na zona de perigo. Pois, ao afirmar que sabia de tudo o que lhe contavam, para os outros esses “*saberes*” a colocavam em perigo. Então um meio de escapar era a negação da informação. Ela circulava entre outras mulheres onde as fofocas, os rumores eram compartilhados em conversas entre elas como uma certa “*nuvem de especulação*” (Menezes, 2014: 665): fofocas, rumores e especulações sobre as vidas de outras mulheres, envolvimento amorosos perigosos, falta de palavra, todas essas informações teciam o mundo das fofocas delas. Contudo, ela não queria passar uma imagem de fofoqueira, por isso quando alguém contava algo que ela já sabia, a resposta de Rediane sempre era que não sabia da informação, ou seja, era a recusa do saber perante os fatos.

O trabalho de manicure não agradava muito Rediane, pois ganhava pouco e trabalhava demais, além de suas costas doerem muito pela posição de ficar sentada muitas horas. Apesar disso, esse serviço abriu caminhos para Rediane se tornar uma revendedora dos cosméticos de revista da Avon, no primeiro momento, e depois Natura, Boticário e Eudora. No início desta pesquisa em 2016 Rediane já era revendedora por catálogo da revista da Avon e da Natura há 15 anos, e tinha 5 anos de Boticário e a mais recente com apenas 1 ano era a Eudora¹. Com essas revistas ela vendia os produtos disponibilizados nesses catálogos para os seus clientes.

¹ “A maioria das pessoas tem, ou conhece quem tem, a “sua” revendedora de cosméticos. No mundo inteiro, são 95 milhões e, aqui no Brasil, em 2013, eram mais de 4,5 milhões. Só a Natura, em 2007, tinha 400 mil pessoas revendendo seus produtos. Em 2011, esse número aumentou para mais de 1 milhão (hoje são 1,3 milhões)”. Reportagem sobre o livro “Sem maquiagem”: o trabalho de um milhão de

A Avon e a Natura fazem parte da ABEVD (Associação Brasileira de Empresas de Venda Direta²) e seguem o seu código de ética. É necessário ter um equilíbrio entre essas empresas, pois é normal uma revendedora trabalhar em mais de uma revista, como o que acontece com Rediane. Para a ABEVD, segundo observado por Fiorotti (2009) “*a atividade não é informal porque toda cadeia envolvida paga impostos, inclusive as revendedoras que contribuem indiretamente, pois a própria empresa contribui por elas*”. Para Rediane o trabalho é autônomo e informal, pois não consegue enxergar os impostos pagos pelos seus serviços, e para ela a informalidade está juntamente relacionada para ela com a falta de carteira assinada. No subcapítulo de relacionamento será abordada como que essa informalidade se apresenta na própria prática das relações dos indivíduos. Fiorotti analisa ainda o modo como a revista Avon trata suas revendedoras:

[...] Ela eleva a vendedora dentro da categoria conferindo-lhe o grau de ‘estrela’, que lhe permite acumular pontos com as vendas e trocar por premiações. Além disso, consegue maiores prazos no pagamento dos boletos, descontos especiais na compra de alguns produtos e a possibilidade de expor produtos a pronta entrega em um espaço onde já tenha um pequeno comércio (por exemplo, salão de beleza) (FIOROTTI, 2009:5).

A ideia que Rediane teve não foi abrir um salão de beleza, apesar de ser manicure e vender esses cosméticos, porém foi de abrir uma loja no terreno da casa dos seus pais. Este terreno não tinha nenhum documento de regularização do imóvel. Ela nem pensou ao menos em antes de abrir sua loja fazer um cadastro de CNPJ³, porque para ela seria muito trabalhoso fazer esse cadastro e não se tratava de empreendimento tão grande assim.

Na verdade o empreendimento de Rediane era um bazar que vendia de tudo. Tudo do campo legal, nada de CDs piratas ou drogas. Rediane vendia de utensílios de casa a perfumes e cremes, sabonetes, abridor de garrafa, unhas postiças, batons, brincos, vasilhas, bonecas, porém não a preços baixos, mas com um preço marcado pela

revendedoras de cosméticos. <http://g1.globo.com/natureza/blog/nova-etica-social/post/livro-conta-historias-reveladoras-das-revendedoras-de-cosmeticos-no-brasil.html> Acesso em 15 de agosto de 2018.

² <http://abevd.org.br/> Acesso em 15 de agosto de 2018.

³ Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica. A forma mais habitual para estes pequenos empreendimentos atualmente no Brasil é o MEI – Microempreendedor Individual. <http://www.portaldoempreendedor.gov.br/> Acesso em 15 de agosto de 2018.

elevação dos juros. Rediane partia de um macro informal (terreno sem regulamentação, falta do CPNJ) para um funil de um plano micro formal que se estabelecia pela procedência dos objetos que habitavam sua loja. Sempre tinha em sua casa um desses produtos que ganhava como premiação por ter conseguido alcançar a meta de venda, ou por comprar mais barato por ser revendedora das revistas da Avon e Natura principalmente.

Antes de abrir sua loja ela decidiu deixar de fazer unha, pois o lucro era pequeno e dedicou-se assim integralmente às vendas das revistas com a loja. O que se apresenta na trajetória dessa mulher são as mais diferentes maneiras de trabalhos que se ajustam a uma rede de economia que constitui a favela a partir de uma nova uma mudança social que se complementava a um novo modelo de governo que visava “[...] *alavancagem dos mais pobres [...]*” (Keinert 2012: 257, a partir da resenha do livro Os sentidos do Lulismo) pelo consumo barato, com várias formas de parcelas e acesso mais fácil a melhores bens consumo. O governo Lulista teve duração de 8 anos e um dos seus destaques, como aponta Meirelles Athayde (2014:52), foi a “*criação de programas sociais, pela redistribuição dirigida de renda, pelos esforços em favor da descentralização econômica e pela inclusão de milhões de brasileiros nos círculos do consumo*”.

Esses trabalhos de Rediane também advêm dos próprios relacionamentos a partir dos quais vai se organizando a vida dela. Já sabemos a origem dos cosméticos vendidos na loja de Rediane. Já os utensílios ali comercializados são comprados em Madureira e revendidos na sua loja, obviamente não pelo mesmo preço que comprado, mas com um acréscimo de valores relativos aos custos de Rediane com a passagem que ela gastou e pela “*paciência de ficar andando e escolhendo*”. O que é “*mais que justo*” para Rediane. Com esse seu senso de justiça acerca do preço da revenda, o lucro arrecado é alto.

Aproveitando o lucro que a loja está lhe proporcionando, Rediane decidiu entrar numa outra dinâmica, dessa vez ligada ao ramo alimentício. Como sua loja era grande e tinha espaço, ela comprou uma frangueira e passou a vender frango assado. Assim como discutido por Freire da Silva “*É um tipo de trabalho que depende do ‘fazer acontecer’ a cada dia (seja no vender, seja para garantir a permanência no ponto), etc*” (FREIRE DA SILVA, 2011:59). A criatividade precisa ser explorada, MV Bill (2014) disse que “*a favela é reduto da criatividade, da invenção, do empreendedorismo pleno, das artes,*

dos afetos, e da solidariedade” (RENATO MEIRELLES & CELSO ATHAYDE, 20014:17).

Rediane entendia o funcionamento dessa criatividade e percebia que não bastava apenas ganhar dinheiro cuidando da estética, mas também do corpo com a alimentação. Julgava importante abrir a visão para enxergar o déficit e preenche-lo visando o lucro. A venda de frango veio mais porque não tinha ninguém que vendesse este produto naquela parte da favela. Depois que ela passou a vender, Rediane afirma que surgiram outras pessoas vendendo. Mas como ela era a mais antiga, seu ponto de venda já era o mais procurado, e todos gostavam do seu frango.

Ainda nesses caminhos do ramo alimentício passou a vender açaí na sua loja. Comprou uma barraquinha de açaí e como um anexo agregou na sua loja. Uma ótima ideia, segundo Rediane me contou, pois assim seus clientes quando chegavam para comprar frango assado olhavam para a loja e lembrava-se de comprar alguma coisa. Os clientes não só compravam o frango, mas também algum utensílio da loja dela. Era preciso prestar atenção e manter os clientes por perto e assim sair na frente da concorrência.

A única reclamação de Rediane era que ficar vendendo frango a prendia muito, pois tinha que ficar ali sentada até o último frango sair. Alguns dias o frango não saía de jeito nenhum, e a solução era congelar e vender no outro dia. Por isso, o seu marido a aconselhou a pagar uma pessoa para ficar responsável pelo frango e pelo açaí, assim somente a loja ficaria na responsabilidade dela. Foi feito dessa forma, mas com o passar do tempo o ramo da frangueira não estava trazendo mais tanto lucro e só trazia muita dor de cabeça. O número de frangos encalhados só aumentava, para o desespero de Rediane. Esse fracasso se deu pelo fato da concorrência ser cada vez maior e o favoritismo não ser o suficiente para segurar sua clientela. Como ela mesma disse “- *Eu soube lucrar com o frango enquanto pude, agora vamos tratar de vender outra coisa*”.

Agora, vamos para venda de quentinhas, melhor dizendo, entregas de quentinhas. Já que não iria mais vender frango, ela colocou sua frangueira à venda. Ela deixou uma parte do dinheiro obtido com esta venda guardada para ter capital para investir em mais bugigangas em sua loja e a outra parte usou para comprar uma moto ciclomotor (“cinquentinha”). Foi quando uma amiga que tinha aberto uma pensão chamou Rediane para entregar as quentinhas.

“- Eu estava sentada na minha loja, quando Vilma passou e disse que havia aberto uma pensão. Eu disse logo pra Vilma, esse negócio de ficar o dia todo com umbigo colado no fogo não é comigo não. Eu gosto, é de ficar batendo perna! Risos! Aí! Vilma me veio com essa ideia de ficar entregando quentinhas para os bandis (bandidos), não só para eles né. Eu aceitei porque podia entregar minhas encomendas também. Mas, não agüentei por muito tempo não, eu em! já estava ficando torrada de tanto ficar nessa motinha levando comida pra cima e pra baixo.” (Rediane)

As entregas eram feitas na hora do almoço, hora em que o sol costuma estar muito quente. Mesmo passando protetor solar, ela reclamava do calor e de como esse trabalho a deixava fisicamente cansada. O fato de entregar a comida para os “bandidos” - era assim Rediane chamava os traficantes - não a intimidava, pois ela dizia que eles a conheciam. O que mostra um nível imbricado de intimidade. É claro, que nesse meio a rotatividade é muito grande, pois sempre um bandido morria e outros eram presos, então eles não eram muito constantes. Porém, essas trocas de atores não traziam medo para ela. A rotatividade das atividades de Rediane fizeram com que essa mulher se acostumassem com esse sistema de mudanças muito presente no cenário da favela.

Quando largou essa atividade de entregadora, Rediane preferiu ficar só com a venda na sua loja e com sua barraquinha de açaí. Ela pôde continuar sentada, olhando “a novidade da rua” e quando o sol baixava, sair para fazer suas andanças. Além disso, a barraquinha de açaí chamava atenção das crianças, tanto quando elas iam quanto quando voltavam da escola. O dinheiro arrecado com as vendas do açaí não era muito, mas ajudava a quebrar o galho. Já houve dia até de surpreender Rediane com o valor arrecado com a venda de açaí. Não é um valor que possa deixá-la milionária mas, é de grão em grão que ela consegue comprar as coisas que deseja. Vera Telles (2009) foi fundamental neste subcapítulo para eu entender através das dinâmicas econômicas dos percursos de Rediane como a cidade tem suas economias redefinidas pelos trabalhadores ditos informais que circulam pelas fronteiras estabelecidas. Vale lembrar que esses percursos são caracterizados pelos caminhos das mudanças que vão ganhando espaço pelas trajetórias de vidas. E nesse processo as relações estabelecidas pelos indivíduos são fundamentais para nutrição dessas dinâmicas econômicas.

1.3 RELAÇÕES FACE A FACE

Como manicure Rediane constituiu uma rede de relacionamento maior com as mulheres da favela, o que possibilitou a ela acionar outras mulheres para trabalhar vendendo os produtos das revistas.

Sua relação com as outras mulheres que vendem para a mesma se organiza assim: essas mulheres que não podem trabalhar fora e precisam de um dinheiro. Começam vendendo os produtos das revistas para Rediane, e passam a ter um prazo para prestar contas a ela das vendas feitas. Nem sempre essa relação era tranquila, mas às vezes era conturbada. Rediane me conta um episódio.

“- Pow! Era uma dor de cabeça, Veja, bem... Eu combinava um prazo com elas e dentro desse prazo elas tinham que me pagar para eu poder fazer os pedidos nas revistas. Aí! Umas e outras não me pagavam, e me deixavam numa enrascada. Pra não comprometer meu nome eu tirava do meu bolso porque se não as boletas iriam ficar muito altas e depois eu ia atrás do dinheiro se não eu não dava os produtos. Aí era um tumulto, eu não queria nem saber podia até ficar com raiva. Eu cobrava mesmo, Ainda me chamavam de barraqueira. Como estava me trazendo muita esquentação de cabeça deixei essa porcaria de lado. Quem quiser arruma outro jeito...” (Rediane)

O lema de Rediane era: “vender até que era fácil, agora receber era tarefa para os fortes”. Quando não tinha jeito a solução era “montar o maior barraco” para receber o dinheiro do pedido, ou das vendas. Passava um sufoco, mas recebia. Contudo, ela não queria ser vista como “problemática” o tempo todo. Em alguns momentos, chamar para si os significados de alguns adjetivos era bom para sua imagem, agora ser rotulada por um significado ruim não era bom para manutenção das suas relações. Por isso, decidiu diminuir o número de mulheres que trabalhavam com ela no primeiro momento, e depois, acabou terminando com todas as mulheres que revendiam para ela.

Apesar de sua loja não ter um perfil específico de clientela, Rediane não tratava todos com o mesmo entusiasmo. Quando era morador comum, ela sabia que a venda não seria muito grande, então “poupava o latim” e limitava-se a falar apenas o necessário. Quando eram suas amigas, aproveitava para saber das novidades. Porém quando eram seus clientes preferidos, os “bandidos”, ela fazia de tudo para empurrar os

perfumes mais caros juntamente com os cosméticos, pois eles eram os que mais compravam tanto para si, quanto para suas “fiéis e amantes”. Se tornando os compradores favoritos de Rediane.

“Eu procuro vender para todos, mas os “bandis” são os que compram não apenas um perfume, eles compram dois, três... Esses do bom. Conhece? Tinha um aí que me paga na hora. Risos! (Rediane)

O relacionamento que Rediane desenvolve com os moradores e os bandidos - como ela gosta de identificar para haver uma separação na sua cabeça dessas duas categorias - vem dos seus engajamentos e de suas várias rotas de comércio que provoca uma sociabilidade com os seus clientes. Segundo Alba Zaluar (2009) “conhecer a ‘sociedade’ ou a ‘cultura’ é estudada que culmina na sua reconstituição desde o ponto de vista do nativo” (2009:563). Seguindo essa visão é que utilizo duas categorias apontadas por Rediane. A primeira categoria é a de bandido usada por Rediane para referir-se aos criminosos armados da favela onde mora. A segunda era para explicar sobre as pessoas que morariam nesses lugares, assim como em outros. Utilizando Alba Zaluar (2009) pode-se dizer que os moradores e os bandidos “existem em vizinhanças que abrigam outras formas de associação e [...] permanente contato” (2009:565). As pessoas convivem em focos de redes o que permite “[...] interagir com outras pessoas em contextos sociais dentro e fora do mundo do crime, por isto será parte dos seus egos (selves) sociais [...]” (2009:565).

É de consciência que o dinheiro vindo das mãos dos traficantes perpassa por caminhos porosos dos mercados informais e ilegais. Quando Rediane vende algum produto para os bandidos diretamente de sua loja ou da própria revista não há a presença de nenhuma nota fiscal, o que faz pensar que mesmo com Avon e Natura dizendo que o trabalho não tem nada de informal a compra em si é informal, mesmo com Rediane apenas anotando o “nome” de seus clientes e os apelidos e as abreviaturas que ganham essa função de nome.

Perguntei se colocar uma máquina de cartão de crédito seria viável para ela. A mesma apenas me disse que essa maquininha não serviria para os seus maiores compradores, pois as vendas são feitas com dinheiro à vista sem precisar saber de nome. Ou seja, uma nuvem de ocultamento no processo de comercialização que abriria a

cortina das intimidades que se apresentam nos bastidores. Rediane conhecia muito bem os seus compradores.

Num certo dia eu estava com ela quando chegou uma mulher em sua loja. A mulher visivelmente estava um pouco suja, com short curto e os cabelos alvoroçados, e perguntou para Rediane se ela teria algum desodorante *rollon* para vender. Rediane disse que ia ver se teria em casa e depois avisava para ela. Quando a mulher saiu, Rediane me disse “*Eu hein, tu acha que ela tem dinheiro para pagar alguma coisa? Hum! eu sei que não tem, nem vou perder meu tempo*”. O que nos traz a reflexão de que parte de ser uma vendedora é conhecer cada um dos seus compradores, isso faz parte da dinâmica de venda e também de uma “*manha*” de vendedor que precisa agir com esperteza nas relações com os seus clientes.

Algumas separações são estabelecidas e muito bem marcadas com uma enorme sutileza a partir de uns simples acontecimentos que nos fazem retomar a pensamentos já trabalhados como a ideia de um plano macro para o micro que podem se alterar de acordo com a posição de Rediane. Nesse ponto o macro é o que é público e micro é o privado que se estabelecem no momento da separação desses polos do público e do privado e são muito bem demarcados por Rediane, a partir da relação com seus clientes específicos. Quando no ato da venda de produtos para os bandidos, ela só vende na sua loja ou na rua, e eles não a chamam em sua casa, apesar de ser para pagar, Rediane está dizendo que sua casa é privada. Já para os outros compradores ela não vê problema em atendê-los em casa. Essa separação é estabelecida, porque o próprio marido de Rediane não aceita essa venda para os “bandidos” em sua casa, apesar de ser daí que ela tem o seu maior lucro. Quando abriu sua lojinha não precisou mais ficar andando tanto, pois os seus clientes bandidos começaram a procurar na sua loja e aí a ideia é que a loja é pública.

Chamo atenção ainda para os bens de consumo que cercam Rediane e que ajudam a construir seu entorno social (Douglas, 2004): as mobílias novas, as roupas caras e os perfumes de marcas acarretam numa formação de valor que dão “*visibilidade*” e “*estabilidade*” às relações sociais. Isso faz com que essa mulher se veja e seja vista não apenas como uma vendedora, mas como uma microempresária. Segundo Douglas (2004) os bens servem para manter e estabelecer uma cultura material que serve para gerir a imagem do indivíduo perante as relações, e é essa a intenção em chamar a atenção para os bens de Rediane que não são apenas bens sem sentido, mas

são bens que ajudam na construção dessa imagem de microempresária. Para os bandidos essa relação com os bens está muito mais voltada para o plano da “ostentação” e afirmação e para autoimagem de quem tem o poder. Mesmo que tenha consciência que seu poder de imagem está preso nas fronteiras da favela.

“O caminho para compreensão e para empatia está ‘naquilo que as pessoas fazem com os objetos’ (Miller 1998:19). Ingold (2012) faz uma explicação também muito clara do que é objeto e do que é coisa. Segundo esse autor, objeto seria um fato consumado e a coisa por sua vez é um “acontecer”. As coisas seriam vivas e estão formadas por um emaranhado de relações entre os sujeitos, objetos e coisas. De acordo com Kopper (2015) as coisas se relacionam com o sujeito formando o próprio sujeito.

A relação que advém da venda dos frangos assados também é significativa da produção das ideias de público e privado na gestão da vida de Rediane:

“Ah! Eu pensei em vender frango por não ter ninguém aqui por essas bandas, até que o dia que eu mais vendo é domingo, sábado também vendo, mas não tanto como domingo. Nos dias das mães eu vendi tanto frango, e fora que os “bandis” pedem para um desses meninos ficarem vindo aqui comprar um frango para comerem.... Ah sim, foi estratégia mesmo! Faço uma farofinha que é rápida, tempero o frango e pronto só esperar para vender. Por que não coloco placa de vendo frango? Pra não servir de referência. Toda hora a polícia entra aqui na favela, aí pode ficar usando o nome da minha loja como ponto referência. Prefiro ficar sem nome mesmo, vai no boca-boca.” (Rediane)

Rediane não tem medo de ter sua vida nas fronteiras, porém o lhe causa medo são os abusos dos “polícias”. Para ela, eles não respeitam quem está trabalhando na favela. Rediane dizia que não concordava com a venda do tráfico de drogas, mas essas vendas não atrapalham sua vida e os bandidos respeitavam o seu trabalho. Seu contato com os bandidos é apenas profissional e nada mais. Portanto ela continua trabalhando para ganhar seu pão sem roubar nada de ninguém. Apenas se virando nos seus trabalhos informais.

Ela é uma mulher muito bonita, chama atenção, e gosta de ter esta atenção, de se sentir bonita. Realmente ela consegue tirar muitos olhares por onde circula. Rediane me explica que quando abriu sua loja começou a ser perseguida por olhares quando a polícia entrava na favela. Ela relatou que um dia estava na sua loja quando houve

operação da polícia e um dos “polícias” foi até ela e perguntou há quanto tempo estava aberto aquele comércio. Nisso apareceu outro policial e começou a dizer que ela devia ser alguma mulher de bandido, *“só podia ser mulher de bandido”*. Rediane disse que graças a Deus não chegaram a fazer nada com ela, mas daquele dia em diante ela sabia que sua loja estava sendo observada. Neste ponto paro para observar a *“neurose”* e o *“medo”* da polícia suspeitar o seu grau de intimidade com os *“bandis”*. Assim ela explica o fato de sua loja não ter nome para não servir de ponto de referência para pessoas externas como os policiais. O único diálogo que a deixou com medo foi esse. E olha que ela está acostumada a falar com *“bandis armados até os dentes”*, como ela diz.

Quando estava entregando quentinha, ela ia fazer suas entregas em algumas bocas de fumo, e falava não só com os bandidos, mas com os *“cracudos”* e achava graça dessas pessoas. Não por serem viciadas, mas porque conversavam umas histórias que não faziam sentido para ela, ou seja, *“papos sem nexos”*. Um desses *“cracudos”*, quando entrava na favela para comprar suas drogas na boca de fumo, chegava com uma bolsa cheia de bugiganga, parava na loja de Rediane para conversar e dizia que estava vindo de alguma favela da zona sul. Na bolsa dele achavam-se óculos, perfumes de marcas falsificadas, chapéus, bolsas, havia de tudo de falsificado na bolsa dele. Rediane não comprava nada para revender na sua loja, mas gostava de comprar os óculos dele para seu próprio uso, pois eram diferentes e de marcas, como Ray-Ban, Chilli Beans dentre outras. Ela não se importava se eram falsos, ou verdadeiros, ele vendia barato e sempre deixava o mais bonito para ela. Seu marido não gostava quando Rediane comprava, mas não falava nada porque dizia que se polícia um dia batesse no seu portão ele iria falar *“pode levar ... Eu avisei pra ela não ficar comprando com esses caras, não sabe nem da aonde vem essas mercadorias dele. Não tem necessidade disso”* ele dizia.

A trajetória de Rediane é importante para pensar a vida das mulheres que são cercadas pela forte presença do tráfico de drogas nas favelas do Rio de Janeiro. E como essas mulheres vivem e convivem constantemente com a violência. Porém nestes casos elas não se tornam reféns dessa violência. Não quero dizer que a violência não gera nelas um medo, não é isso, é claro que existe certo medo. No entanto, esse medo não as paralisa e elas buscam meios de manobras para driblar a violência.

As várias rotas de trabalhos que Rediane trilha e a sua intensa dinâmica de trabalhos como *“revendedora”*, *“consultora”* e dona de um *“pequeno negócio”* estabelece uma contínua construção de fronteiras de relacionamento com *“os*

traficantes”, especialmente quando estes são seus clientes. Rediane possui uma autonomia de sujeito vendedora diante de sua clientela.

A vida dessa mulher não é uma vida estagnada, mas uma vida de circulação nessas redes de nós e fluxos que Kopper (2015) fala que marca um modo de estar presente nas favelas. São vidas móveis, e se atentarmos para os fios que ficam soltos, então é possível enxergar Rediane como mulher, moradora, Rediane com o seu marido, Rediane com os “traficantes”, ou como gosta de dizer “*seus bandis*”, Rediane com os cracudos, Rediane com as outras mulheres e Rediane com os bens de consumo.

Não é intenção criar categorias, mas a intenção é de poder enxergar através desses fios, dessas relações, a movimentação presente no cotidiano das pessoas. Também existe uma relação de gênero entre Rediane mulher e os seus homens (marido e o traficante) presente no trabalho. Haja vista, que ela não é aquela mulher que apanha do marido e vai até a “boca de fumo” querer ajuda. Ela só vai quando precisa cobrar os pagamentos e alguém fica devendo. São relações que fazem parte do cotidiano dessa mulher que fica olhando o movimento da rua, sem dar conta que sua vida também é cercada por uma intensa movimentação de relações.

CAPÍTULO 2: MOBILIDADES EMPREENDEDORAS DOS CORPOS

*“As muito feias que me perdoem
Mas beleza é fundamental [...]”*

Vinicius de Moraes

Este capítulo tem como objetivo abordar o conceito de empreendedorismo a partir das questões sobre os corpos femininos na favela do Rola. Em um primeiro momento busco mostrar como as práticas de mobilidades de uma mulher chamada Marielma apresentam-se em suas virações e nas várias movimentações do seu corpo. Na segunda parte aponto como eram tratados e classificados os corpos favelados de uma forma estigmatizada por parte da pobreza em que estavam inseridos. Na terceira parte ressalto a dimensão do corpo de Marielma como um corpo morada do medo e da insegurança. No quarto momento busco mostrar como as marcas de revistas de cosméticos e seus slogans podem prospectar um novo modelo de empreendedorismo em busca de corpos estáveis para cidade.

2.1 CORPOS MÓVEIS

Os estudos das *“mobilidades urbanas”* Vera Telles (2010) é um tema recorrente nas pesquisas sobre urbanismo, contudo o que me proponho pensar é, sobretudo, na movimentação do corpo móvel de Marielma para ter a percepção dos caminhos percorridos por essa mulher nas diversas fronteiras estabelecidas. Começamos então com suas mobilidades. Marielma era uma mulher que prestava atenção em tudo e estava sempre alerta à circulação da favela. Seu marido era provedor do lar, seu papel era o de cuidar das crianças e da casa. Alguns vizinhos relatavam que esse papel não era executado da melhor forma por ela, pois *“seus filhos sempre estavam andando sujos pela favela e sua casa estava sempre bagunçada”*. Quando lidamos com corpos móveis sempre há um risco de esses corpos sofrerem certas rupturas que os lançam ou em algumas circunstâncias, até forcem esses corpos a sofrerem um caráter de mudança.

A vida de Marielma muda quando seu marido toma a decisão de deixá-la com as crianças. Marielma morava na favela do Rola e lá aconteciam as festas de baile funk, e quem organizava esses bailes eram os próprios traficantes. Ciente disso, ela começa a perceber na nos bailes da favela um caminho de ganhar seu pão de cada dia, parar pagar seu aluguel e arcar com as necessidades da casa e dos seus filhos. Eles chamavam os MCs para fazerem seus shows e também eram responsáveis pela organização das barracas que ficavam ali no baile.

O baile funk é uma festa que tem como característica tocar músicas de funk. Os músicos que cantam esses ritmos são conhecidos como funkeiros ou MCs. Essas músicas tiveram uma maior aceitação nas favelas do Rio de Janeiro porque em grande parte suas letras falavam das discriminações sofridas por serem moradores de favela e pelas injustiças cometidas dentre outras coisas. Os moradores se identificavam com as letras, pois era o dia-dia deles que estava sendo cantado (Lopes e Facina, 2012).

Uma de suas amigas informou-lhe que os traficantes estavam contratando mulheres para trabalhar nas barracas do baile funk vendendo bebidas alcoólicas e petiscos. Decidindo se candidatar, conseguiu a vaga passando assim a trabalhar nos circuitos dos bailes, sendo que, até então, não precisava pagar nada: a pessoa contratada deveria apenas chegar cedo e arrumar a barraca para vender as bebidas. As bebidas revendidas deveriam ser compradas na mão de outra mulher que era responsável pelo abastecimento das barracas. Depois de alguns meses, Marielma disse que para montar sua barraca nos bailes ela deveria pagar um valor de aproximadamente R\$ 160,00 reais.

- Eu pergunto: Pôr mês?

- Ela responde: Pôr mês nada, por cada baile que eles fazem e eu vou. Agora, adivinha pra que esse dinheiro?

- Eu digo: Não sei

- Ela responde: Para a segurança da festa

Os bailes funk da favela de Marielma não aconteciam somente em uma favela, mas ocorriam em outras favelas dominadas pela mesma facção. O baile é feito na rua, o que acarreta num maior fluxo de pessoas em constante movimentação, e as próprias barracas tinham essas características de movimentação.

Uma favela era muito perto da outra, sendo que somente a Avenida Cesário de Melo fazia a separação entre o Cezarão e o Rola. O Cezarão é uma favela comandada

pelos milicianos e o Rola e Antares são favelas comandadas pelo Comando Vermelho. É nesse ponto quero chamar atenção para analisarmos esse corpo que ora está em um território, ora está em outro, e sempre numa constante movimentação de favela em favela. Por vezes escutamos que *“favela é tudo igual”*, porém quando andamos com Marielma de um lado ao outro, temos a magnitude do tamanho da diversidade que cada favela tem, mesmo que essas sejam próximas e que sejam dominadas pela mesma facção. O que faz esses lugares diferentes são as pessoas que estão no lugar e as circunstâncias.

Ser móvel na favela do Rola era fácil para Marielma, pois ela era dali e alguns rostos eram familiares, algumas saídas de emergências estavam mesmo decoradas na memória. Por isso que trabalhar ali era mais vantajoso. Agora, quando o evento era feito na favela do Antares, a distância era bem maior e durante o trajeto que era feito a pé dava para perceber o clima pesado que pairava no ar. Marielma me dizia que no Antares era até *“mais difícil de respirar”*. Fato é que ela se movia por essas fronteiras existentes nos caminhos que se originavam das rupturas que aconteciam em sua vida. Outra ruptura foi a rápida invasão dos milicianos no Rola que fez Marielma sair de sua casa a fim também de ganhar mais lucro, e ir morar na favela de Vila Kennedy. Essas movimentações vão ganhando proporções cada vez maiores a partir do momento que se dá o primeiro passo.

A última ruptura que aconteceu na trajetória de Marielma, e eu digo a última não porque não vão acontecer mais rupturas, mas por ter sido no meu entendimento a mais forte, foi o desaparecimento do seu filho. Eu ainda estava escrevendo minha pesquisa quando ela me contou da situação e pude compartilhar suas movimentações e idas ao IML, aos Hospitais e aos “Degases” do Rio de Janeiro a fim de encontrar o seu filho vivo, ou pelo menos o seu corpo para ter a dignidade de enterrá-lo. Cada retorno que o corpo dessa mãe fazia sem trazer o seu filho do lado era angustiante. Neste ponto estou a pensar que o “corpo móvel” está sujeito às mudanças que ocorrem de forma tão bruscas de acordo com o poder do tempo.

2.2 OS CORPOS DOS FAVELADOS/ POBRES

O surgimento da favela foi marcado por uma estigmatização de lugar da pobreza, miséria e casas precárias. Alba Zaluar (2006) descreve esse cenário e aponta que no início a favela ficou conhecida pela falta de planejamento ao ser criada e pela falta de regularidade nas construções das casas. Estes territórios eram formados por corpos que estavam cercados pelas miséria, pobreza e escassez. As pessoas que moravam nas favelas eram tidas como as desvalidas de qualquer padrão de estética e beleza. Suas fisionomias eram de pessoas sofridas pela precariedade da vida e não traziam beleza para cidade.

Para Oliveira e Marcier (2006), ser favelado era sinônimo de pobreza. Esse lugar era denominado como lugar dos malandros, das mulatas, cabrochas, morenas dengosas (faceiras) mais também era lugar de mulheres lavadeiras, mulheres que faziam os seus quitutes e desciam dos morros para venderem nas cidades.

Na obra literária de Aluísio Azevedo “O Cortiço”, temos a descrição de seus moradores, em sua maioria considerados pela sociedade daquela época a escória da sociedade. O que lembra os próprios moradores das favelas, pois também eram vistos e associados pela falta de trabalho regular, e uma não continuidade quando conseguiam trabalhos regulares. Bahia (2012) apresenta uma marcação de gênero no próprio contexto de trabalhos, porque as mulheres ficariam com os trabalhos informais de lavadeiras e cozinheiras. Já os homens, ficariam com os serviços de pedreiros, sapateiros, dentre outros trabalhos informais que apareciam no cotidiano desses corpos. O grande problema era que os que estavam inseridos nesses trabalhos informais não tinham uma continuidade em seus trabalhos, e quando surgia outra coisa para se fazer, ou quando passavam aperto, eles largavam o trabalho e entravam outra vez, numa vida de “vadiagem”, ou seja, uma vida à toa.

Existe outra questão que aparece imbricada ao corpo dos favelados que era justamente “[...] pensar o pobre como sujeito a ser disciplinado para os intentos capitalistas” (BAHIA, 2012: 248). Pois, esse corpo precisava se adequar às normas de conduta e etiqueta estabelecidas pela cidade para se movimentar nela. Então, eles passaram a ser olhados como corpos potencializados a “ser”. Corpos que arrecadariam fundos e começariam a fazer sentidos de estarem a circular pela cidade.

2.3 CORPO: EMPREENHIMENTO DA (IN) SEGURANÇA

Marielma possui um corpo móvel, não somente no sentido de andar nas favelas, mas também no próprio sentido estar em constante mudança com o seu corpo no emagrecer e engordar. Estar muito acima do peso lhe trazia medo e insegurança pelo fato de trabalhar tão perto do perigo, do risco de acontecer um tiroteio e não conseguir correr por ser muito gorda. “ - *Morro de medo de sair uns pipocos na hora em que eu estiver trabalhando. Como vou fazer pra correr com esse peso todo?*”.

Nesse movimentar da vida de Marielma, seu marido foi embora de casa e a deixou com seus dois filhos. Algumas semanas se passaram até ela descobrir que seu ex-marido estava namorando outra mulher e, além disso, “*bem mais magra que ela*”, como destacou. Agora, sem o provedor da casa Marielma precisava arrumar um trabalho, já que seu ex-marido não mandava a pensão das crianças.

Marielma nunca havia trabalhado de carteira assinada, sem contar que a insegurança gerada por suas questões pessoais com o seu corpo a paralisavam. Gautério & Silva (2014) utilizam a ênfase de Andrade (2003) para mostrar que os corpos “*ágeis*” e “*aptos*” são os corpos desejados pelas indústrias, e essas qualidades por vezes não são atribuídas aos corpos acima do peso. VASCONCELOS & SUDOS (2004) apontam que o corpo sofre várias metamorfoses de acordo “*com os modelos culturais impostos*” que estão em constantes mudanças baseados nas viradas dos séculos. No início dos anos a gordura era visto como sinal de riqueza, ao contrário da magreza que era visto como sinal de extrema pobreza. Porém, esses conceitos sofreram várias mudanças e hoje em dia esse corpo gordo é visto como sem saúde, preguiçoso, sem cuidado e etc.

Marielma nos dá pistas de que sua insegurança também era provocada pelo seu ambiente de trabalho, ou seja, os circuitos de baile funk por vários motivos alguns já mencionados anteriormente.

“ - *Eu pergunto: Marielma, você não paga uma cota pela segurança do barracas e dos bailes? Por que se sente insegura então?*

- *Ela diz: Os bandidos sempre ficam me olhando com uma cara de desconfiança. Outra coisa que me faz sentir insegura é o risco da polícia entrar ou até os milicianos entrarem atirando, vou está ferrada até correr com esse peso todo. Outra preocupação minha é o meu filho. Tenho medo que ele se envolva com esses traficantes. E aquele pai dele não serve pra nada...*”

Mesmo pagando pela segurança, Marielma sempre teve o medo e a presença da insegurança na sua vida. A primeira insegurança era o fato de estar acima do peso e por isso estar mais vulnerável no cotidiano da favela, sendo menos ágil: isso era o que Marielma pensava e me relatava com frequência. Outra insegurança era que seu marido a deixasse, o que acabou se concretizando. A terceira insegurança era a própria falta de segurança em suas relações trabalhistas e em seus deslocamentos de uma favela a outra. Quando ela passa a trabalhar nas barracas do baile funk ela fica o tempo todo em estado de alerta. O baile só começava a ficar cheio lá por volta da 00 h. Antes disso, o trabalho já iniciava para ela, pois era preciso chegar cedo para disputar o melhor ponto e para isso mandava o seu filho ir à frente com as mercadorias e marcar o território.

O baile não era todos os dias. Começava na sexta e terminava no domingo. No ano de 2016 não teve baile no Natal por falta de dinheiro, e para essa vendedora foi um triste Natal já que ela não teria um dinheiro sequer no fim de ano. Quando a falta de dinheiro afeta esses circuitos, os comerciantes são também afetados por essa falta. Todos se movimentam nessa teia de lucros e prejuízos que existe na favela.

Muitas vezes *“os moradores vivem uma sensação de segurança pessoal que disfarça as coerções que sofrem”* (MACHADO DA SILVA, 2008: 25). A segurança que Marielma esperava não era de acordo com a que um trabalho formalizado promovia, com os direitos e segurança para seus trabalhadores, mas a segurança que era dada para ela era uma segurança ilusória, que fazia com que essa mulher estivesse todo tempo num estado de insegurança. Várias vezes, o funk estava rolando e as pessoas comprando, quando se ouvia o barulho de tiros, Marielma passava a mão nas mercadorias fechava sua barraca e tentava correr, ou se esconder na medida do possível. Quando o baile era organizado em outra favela, mas da mesma facção, era um problema se locomover com as coisas sem um carro e contando somente com a ajuda do filho. O seu trabalho era da madrugada, sem luxo, com caixas de sons no último volume, bebidas e drogas.

Um episódio interessante que acontece em umas dessas noites de trabalho de Marielma foi ela ser testemunha de quando uma menina estava apanhando do seu namorado. Quando os bandidos souberam perguntaram se alguém tinha visto o ocorrido, Marielma disse que suas pernas congelaram, na hora, pois saber o que falar numa situação de risco faz toda diferença. Mattos (2012) vai dizer que saber o que dizer

numa dada situação é mobilizar “[...] *experiências que deixam impressões pessimistas acerca do drama relativo à perda da confiança argumentativa e consequente despersonalização*” (MATTOS, 2012: 3). Ela optou pelo silêncio; não queria se envolver em nada.

A relação de Marielma era baseada na falta de confiança, pois os próprios bandidos já olhavam para ela com um olhar “*meio torto*”. Esse ar de desconfiança pairava sobre a pessoa dela. Era uma mulher alta, gorda, branca. Perfil que para os bandidos não era o de uma pessoa que inspirava confiança. Sempre calada, quase não falava com eles. Seu contato era limitado. O que a prendia no serviço do baile era o retorno que tinha quando era um dia bom de lucro.

Outro episódio que aconteceu com Marielma não é do tipo do poder terrestre, mas de um poder espiritual, e é um raro caso em que ela teve sucesso em acionar sua própria rede de proteção por se considerar uma pessoa sem sorte e de que raramente teve seus desejos atendidos. Num dia de baile funk era aniversário de um dos traficantes. Marielma estava vendendo suas bebidas quando este traficante chegou à barraca de Marielma e pediu para a mesma olhar o seu copo, pois ele iria urinar levando em consideração que este traficante já estava bebendo desde manhã. Ela me conta que ele já estava muito doidão, voltou, pegou seu copo e saiu. Ao sair do local do baile, pegou a moto e acabou sofrendo um acidente de trânsito.

Ao passar algumas semanas, esse traficante começou a querer tirar satisfação com Marielma, pois acreditava que ela podia ter colocado alguma coisa em seu copo. Diante desta situação Marielma me contou que ficou com medo de uma possível represália, pois ela dizia que quando eles “*tomam rincha*” com alguém não deixam esta pessoa em paz. Então, a saída que ela achou foi em suas “*rezas*”.

Marielma nunca foi devota, porém sua família é uma família católica e acreditava que em momentos de perturbação “*Deus ajuda*”. Foi então que ela me disse que se ligou com Deus e nem demorou muito para um desfecho ao seu favor. Ela segue me contando que teve uma festa e esse traficante estava presente e ele teria deixado sua arma engatilhada atirando por acaso no peito de outro traficante, e este tiro acidental o teria matado. Quando o dono da favela soube do ocorrido disse, segundo me conta Marielma, que seria uma vida pela outra e ele acabou sendo morto. Marielma ficou aliviada e entendeu que foi um socorro divino. Esse relato me faz pensar em como as vidas das pessoas sofrem intervenções que podem ser de forças celestiais ou malignas

Birman (2009). Contudo sem dúvida são forças que atuam em favor de desfechos favoráveis aos seus protagonistas.

A família de Marielma achava esse tipo de serviço muito perigoso e o melhor para ela seria que a mesma voltasse a estudar, e assim terminar seus estudos e arrumar outro emprego. Não deveria ficar nesse que em qualquer momento podia custar sua vida. Para ela havia um risco maior quando o baile era feito na outra favela, pelo fato de não saber muito bem para onde correr quando a situação apertasse. Havia uma diferença de mobilidade do corpo dela de uma favela para outra. VASCONCELOS & SUDOS (2004), dialogando com outros autores, nos trazem a reflexão de um corpo muito mais individualizado. Corpo que passa a ser “*corpo-ferramenta*”, “*corpo-mercadoria*”, “*corpo-aparência*”, “*corpo-consumidor*”, e “*corpo-medo*”. Corpos que se constituem nos diferentes campos de circulações dessa cidade.

Marielma decidiu ouvir o desejo de família e em dado momento foi fazer um curso de vigilante, porque ouviu de sua amiga que essa área possuía grande movimento e as possibilidades de arrumar trabalhos eram grandes. Ela me conta que também seria muito bom para ela no sentido que se sentiria mais segura em relação ao seu trabalho atual.

- Eu pergunto: quais os módulos que você está fazendo?

- Marielma me responde: - Eu faço curso de segurança pessoal privada. E o de segurança de evento. E o treinamento complementar de tiro. E escolta armada.

Os módulos escolhidos têm uma direta relação com a atividade trabalhista exercida por essa mulher. É importante ter segurança pessoal, já que não se sentia segura. Também era importante realizar a segurança do seu próprio evento, da sua própria barraca. E não menos importante apreender a tirar, mesmo não tendo uma arma. Marielma conta que passava um sufoco no curso, pois eles tinham que ir de calça cumprida e para, além disso, nos dias de treinamentos ela sempre ficava no pior ponto.

“Poxa! Várias vezes eu tenho que ficar na última sala para fazer o treinamento. Nessa sala não tem ventilação, e eu passo muito mal. Fora as escadas que tenho que ficar subindo e descendo. Ainda não posso ficar reclamando, porque se não já viu... só estou fazendo esse curso porque quero tentar outro emprego. Você acredita que o professor uma vez me falou que eu precisava emagrecer... uhum! Essa é uma luta minha de anos. Eu sei disso, ninguém precisa ficar me lembrando. Eu só escuto olha sua saúde... olha sua saúde, mas eu tenho mais

disposição do que muita gente nova por aí. Você pensa que é fácil ficar no trabalho no baile? Não, é não. Só eu sei o que passo”

No início do curso tudo estava indo muito bem, até uma “neurose” tomar conta dos pensamentos de Marielma. Neurose essa do medo de que se os bandidos descobrissem que ela estava fazendo esse curso. O que poderiam achar, já que ela trabalhava tão perto deles? A roupa do curso possuía um brasão parecido com o da Polícia Civil do Rio de Janeiro. E se eles confundissem? A tática dela foi então, não sair com o uniforme, e colocar a blusa somente ao chegar no curso. A carteirinha do curso ela deixava na casa de uma amiga, pois tinha medo de confundirem. Sua casa não tinha segurança nenhuma, até porque ela não sabia mais até que ponto seu filho estava envolvido no mundo do tráfico. Nesse ponto Marielma conta que seu filho fazia favores aos traficantes. Comprava cerveja nas barracas, levava as motos para consertar, isso era o que ela sabia. Ela afirmou em segredo que já não possuía mais domínio nenhum sobre o filho.

Quando terminou o curso, a esperança de conseguir um emprego era grande, ainda mais pelo o que as pessoas falavam sobre as oportunidades disponíveis. O tempo foi passando e a esperança que no início era viva começou a se esmorecer, e ela concluiu que o melhor a fazer era continuar nas barracas e deixar essa ideia de lado. Afinal para ela foi só gasto de dinheiro. De um baile ao outro essa mulher conseguia fazer suas vendas e assim sustentar sua família.

A vida de Marielma iria passar ainda por mais uma virada. A favela do Rola é uma favela dominada pelos traficantes do Comando Vermelho. Os bandidos da favela do Rola foram até o Cezarão e “*largaram tiros*” na Milícia. O resultado disso foi o ajuntamento de mais de 50 homens que se reuniram para tomar a favela do Rola com ajuda dos policiais. Os milicianos estavam escondidos dentro do “caveirão” da polícia. Um verdadeiro presente de grego para os bandidos. Nesse confronto, mais de 10 bandidos morreram. Ao invadirem a favela os milicianos teriam gritado: “*-Acabou a favela*”. Essa dominação durou apenas algumas semanas, mas semanas suficientes para Marielma decidir alugar uma casa em outro lugar, ou melhor, em outra favela.

O desejo de ir para outra favela estava ligado aos rumores contados por uma amiga de barraca de funk de Marielma que lhe contava sobre a favela de Vila Kennedy,

e de como ela estava ganhando rios de dinheiro. Com a invasão da milícia, Marielma colocou na cabeça que esse acontecimento seria o sinal para ela sair de lá. Se já era difícil trabalhar com os traficantes, imagine com os milicianos. Ela não iria ficar ali para ver o que iria acontecer, e assim foi ela rumo a favela de Vila Kennedy.

“- Tudo é novo para mim. Eu não conheço ninguém e ninguém também me conhece. Quem trabalha no Rola trabalha em qualquer lugar. Estou muito bem. Conseguí alugar uma casinha aqui e a casa é do tamanho ótimo para mim e para o meu filho. Minha filha não quis vir comigo. Disse que eu sou maluca. Você acha que eu sou? Sou nada. Vou onde posso ter uma oportunidade melhor. Lá não estava dando certo. Aqui eu não estou tão sozinha também. Tenho minha amiga que vai me dando às informações, pois ela está aqui a mais tempo do que eu. Minha família fala que eu cresci o olho...lá já não dava para mim. Ainda mais depois que os milicianos invadiram imagina como seria. Putz!”

A cidade tem dessas características. As pessoas estão sempre em constantes mudanças. Seja pelo fato de serem pressionadas ou por estarem ansiosas por essas mudanças. O direito à cidade e de se locomover entre esses lugares chama atenção pela escolha de Marielma. O Rio de Janeiro é formado por várias favelas, e de todas essas ela escolheu ir para Vila Kennedy. Sim, por ter uma conhecida que depois ela vai dizer que nem era tão amiga dela assim. Mas, também pelas histórias que seu filho contava do lugar.

Sair do lugar que ela estava para ir para o outro foi para ela um ato de coragem. Foi também para mostrar que podia se dar bem lá. Ela sabia o caminho a trilhar podia mostrar para sua família o quanto poderia ajudar.

2.4 CORPOS QUE EMPREENDEM A “BELEZA QUE FAZ SENTIDO”, E A PRODUÇÃO DE CORPOS ESTÁVEIS PARA CIDADE

Retomo aqui a discussão de corpos potencializados a serem disciplinados através da trajetória de Rediane, tratada no primeiro capítulo, para abordar o tema de um espírito empreendedor que começa no seu próprio corpo. Para pensar por esse viés de um novo espírito do capitalismo voltado para o corpo em si é que utilizo o trabalho de Collier (2009) em *Topologies of Power* para ajudar a refletir sobre uma sociedade disciplinar e

na gestão de seus indivíduos. Esses corpos favelados, corpos de mulheres que é o que me proponho pesquisar, passam por um empoderamento pelo mercado de trabalho através de algumas empresas criadas especificamente para mulheres, ou seja, ganham poder para se posicionarem como empreendedoras que passaram pela disciplina de como se apresentar pelo que vendem. Se vendem maquiagem, se apresentam maquiadas com vários métodos de beleza.

Pensando sobre algumas empresas de belezas, especificamente as revistas da Avon, Natura, O Boticário e Eudora a partir da trajetória de vida de Rediane e Marielma, volto-me para alguns aspectos diretamente ligadas nos slogans dessas revistas. Começaremos pela revista Avon que tem como slogan “*Beleza que faz sentido*”. É importante ressaltar, através da trajetória de Rediane, é que se antes a preocupação era tornar os corpos dos favelados disciplinados, vemos hoje uma preocupação por trazer a beleza não mais de corpos “favelados”, mas de corpos agora potentes de um empreendedorismo. Antes de entender, de se apresentar como uma micro-empresária local, Rediane precisa entender “*a beleza que faz sentido*”, de entrar nesse mercado, sem vínculo empregatício aonde o gerenciamento de seu ganho vem das suas próprias forças.

Quando ela se preocupa com a questão da beleza, de se mostrar “com sentido”, é importante para entendermos um afastamento da noção de corpo favelado entendido como sinônimo de pobreza para um corpo empresarial. Essas mulheres inseridas nesses circuitos conseguem assim deixar de “*serem problemas para virar solução. São consumidoras*” (ROCHA, 2014:24) de móveis, aparelhos domésticos, roupas, sapatos, maquiagens. Rediane possui uma forte preocupação com a aparência, por isso, sempre faz academia não só por saúde, mas “*pela beleza*”. Sempre procura comprar roupas de marcas, pois segundo Rediane as pessoas não podiam ficar comentando que ela usa roupas de péssima qualidade. Ela entendia que sua beleza fazia sentido, pois sua beleza era importante para a aparência de uma empresária.

Marielma não se coloca como micro-empresadora local. As questões que aparecem para Marielma, entendendo essa beleza que faz sentido, não me foram apresentadas. Ao conversar com Marielma sobre beleza, ela deixa claro que para vender bebidas nas barracas do Baile Funk, no Rola e em Antares ela não precisa estar bonita, o que precisa é estar atenta para defender sua própria vida.

A Natura tem como slogan “*bem é estar bem*”. Antes esses favelados viviam em casas precárias sem nenhum conforto. Agora houve uma mudança, pois quando entro na casa de Rediane e de Marielma o que vejo são casas com mais de uma televisão de plasma, aqueles aparelhos de sons potentes; o que vemos é “*um aumento do poder aquisitivo dos moradores de favela, e conseqüentemente do consumo dessas famílias*” (ROCHA, 2014:24) o que adveio de uma mudança social que se complementava a um novo modelo de governo que visava “[...] *alavancagem dos mais pobres [...]*” (Keinert 2012: 257) pelo consumo barato, com várias formas de parcelas e acesso mais fácil a melhores bens consumo. Com isso, elas entendem que é preciso estar bem obtendo um lucro por parte de seus trabalhos para se tornarem consumidoras de bens matérias para ganhar um melhoramento de vida, não só para si, mais para suas famílias. O problema de se tornarem consumidoras é que terão que se manter em dia com suas contas. Contas como a de luz, água, televisão, e etc.

Utilizo a concepção de Kopper (2015) ao destacar um “*novo padrão de vendedores*”, na verdade, uma nova “*profissionalização da figura do camelô*”, porque tem sido importante apresentar uma nova postura. Nesse novo padrão de empreendimento não são permitidos certos comportamentos, pois a própria mobilidade desse sujeito tem ajudado nessa construção da imagem de si.

Agora que essas mulheres entendem a partir de suas concepções que é preciso uma “*beleza que faz sentido*” e que “*bem é estar bem*” chegam ao final do caminho do empreendedorismo. Agora a marca Eudora faz com que essas mulheres se sintam poderosas para conquistarem o que quiser. O Slogan da Eudora é “*Você tem poder: aproveite*”. Quando algum bandido, não quer pagar, ou o mesmo demora a efetuar o pagamento das mercadorias, Rediane vai diretamente ao chefe da boca reclamar, informar que tem um bandido que está devendo e não pagou. E pede para uma atitude ser tomada, é nestas horas de calote que ela sabe bem o que fazer, pois com prejuízo não pode ficar nem muito menos com fama de que a deixam passarem para trás acionando o poder de sua força caso ela saísse no prejuízo não iria receber dos demais compradores.

O importante é mostrar como as marcas e seus slogans podem prospectar, fazendo uso do termo de Vera Telles, um novo empreendedorismo do corpo de Rediane e Marielma. Uma grande maioria das mulheres que vivem nas favelas brasileiras são mulheres trabalhadoras, protagonistas de mudanças sociais, econômicas e são criativas e agarram as oportunidades que aparecem nas suas vidas.

Trabalhar como vendedora nas barracas de baile funk, consultora, ou revendedora das revistas é mais do que uma fonte de dinheiro extra. Os setores de beleza e de vendas são os setores mais explorados por mulheres. Esses trabalhos possibilitam ganhar uma autonomia financeira que acabam se tornando a principal renda familiar. Um levantamento feito aponta que:

“Somente em 2013 o setor de venda direta movimentou R\$ 50 bilhões com R\$ 4.182,716 milhões de revendedoras cadastrados, e quase a metade atuando em mais de uma empresa do setor como a Natura, Avon, e entre outras por catálogo” (NEVES, Ivon. Reportagem sobre Revendedoras de sucesso do Jornal Hoje da Globo. Acesso disponível no site: www.autonomobrasil.com/revender-boticoario.com data de acesso: 13 de dezembro de 2016. 18h50min:14s.)

Para Marielma, começar a trabalhar não significava apenas ter uma independência financeira, poder comprar o que quiser, ter a liberdade de ter o seu dinheiro, mas era também uma autonomia de vida, por não ter que ficar dependendo do dinheiro de ninguém. Ainda mais depois da separação quando ela decidiu alugar uma casa para ela morar com seus filhos. A independência aparece como uma solução.

A trajetória de Rediane é um pouco diferente, pois ela sempre trabalhou e por isso, acredita que sua independência financeira está muito mais vinculada ao que esse dinheiro pode trazer, melhor dizendo, ao que esse dinheiro pode comprar do que como uma solução. Essas mulheres têm em suas trajetórias de trabalho uma relação demarcada pelo fluxo de continuidade almejada como empreendedoras locais.

Se antes essas moradoras se achavam no caminho da pobreza e conviviam com uma falta de continuidade em suas atividades econômicas, agora, depois de se tornarem operantes nos circuitos de vendas, ganham uma forma peculiar de estabilidade e isso possibilita ter condição de crédito na praça, manter suas contas em dia. O que muito se tem é uma política de investir em si com cursos e especializações para uma oportunidade de ganhar renda estável. Essa seria a ideia central para essas pessoas que se encontram nas atividades informais: precisam se tornar “estáveis” para a cidade, pois ao mudar seus corpos, logo iriam se adequar aos novos conceitos de empreendedorismo local via comércio para se tornarem cidadãos.

Depois que esse corpo tornou-se empresário de si, Tommasi & Vezco (2013) nos apontam que pelo consumo desses novos padrões de empresários é que esses moradores tornam-se cidadãos. O que essas autoras procuravam eram as transformações

ocorridas na favela da Cidade de Deus na época da entrada da UPP e das UPP Sociais que visavam uma transformação a partir dos moradores empreendedores, donos de comércios para serem inseridos nos viés das legalidades. Vários cursos eram oferecidos, oportunidade de empréstimos por bancos eram facilitados para quem possuía um comércio investirem nos seus negócios. E também, havia um esforço por parte dos setores privados em ensinar essas pessoas a fazerem seus investimentos sem riscos e prejuízos para ambas às partes.

A parte central da pesquisa de Tommasi & Vezco (2013) é apontar por trás dessas transformações a preocupação em se formalizar o informal para ser inseridos nas capilaridades de ser um cidadão que paga suas contas, suas dívidas em dia à sociedade. Por isso, cada vez mais vemos um novo discurso entrelaçado à cidadania no sentido de que você só passa a ter direitos à medida que contribui, a partir do momento que sua atividade passa a ser “formal”. Silva (2017) aponta que o empreendedorismo serviu para mudar a vida das pessoas que não conseguiam trabalhos e assim poderem ter uma fonte de renda. “*Os moradores de favelas têm que aprender como fazer parte da cidadania.*” (ROCHA, 2014:24). Para saber quais são os seus direitos, e quais são os seus deveres quando são consumidores. Rediane tem cartão de crédito e sempre procura o máximo manter seu nome limpo, mesmo que a compra seja feita em muitas parcelas ela busca pagar todas para assim se manter em dia. Ela sabe o seu dever para pelo seu consumo. Com isso constrói-se uma nova economia pautada em novo espírito capitalista.

Rediane nunca fez nenhum curso pelo Sesi Cidadania, ou qualquer outro curso de como ser uma empreendedora de sucesso. Mais isso nunca fez dela uma má empreendedora. Ela entendia sua posição, e sabia usar o que lhe era exigido. Um dia eu estava com Rediane e ela ia comprar uma geladeira. Não seria qualquer geladeira, mas uma geladeira de R\$ 4.000 reais. Chegamos a uma dessas lojas que vendem esses aparelhos e ela escolheu essa geladeira. Fomos acertar tudo para comprar com o vendedor, quando ele nos pediu um comprovante de residência. Rediane falou no meu ouvido “*vai começar a palhaçada*”, que seria o vendedor nos informar que não podem fazer entrega naquele endereço por ser uma área de alto risco. Rediane já começou a se balançar com o papel da conta luz: motivo pelo qual ela tinha orgulho de ser uma moradora de favela que pagava sua conta de luz. Eu ainda não tinha visto a conta quando ela deu em minha mão para resolver o caso da geladeira. Percebi que o valor da

conta era muito baixo era menos de R\$ 5 reais fato que guardei para mim, e não quis indaga-la. Conseguimos resolver e Rediane, enfim iria levar sua geladeira.

Depois de alguns meses eu estava na casa de Rediane e ela foi fazer uma prancha no cabelo aí gritou para seu marido “*Zé desliga o negócio aí na luz rapidinho, se não já viu né menina a luz vem um roubo. É rapidinho, só para eu alisar aqui o cabelo pra ir pra festa*”. São corpos estáveis para à cidade, estáveis no sentido de entenderem seu lugar de cidadãos que são construídos pelo novo espírito do empreendedorismo que sai da zona do “informal” para o “formal”, mas nos caminhos nebulosos dessa cidade se deixam dominar pelo velho espírito. Mais ainda continuam estáveis para produzir e continuarem as ser passíveis de administração empreendedoras.

O que se deve observar são como esses dois corpos de mulheres demarcam posições e olhares diferentes na mesma favela. Rediane apresentada no primeiro capítulo tem a característica da circulação, não no sentido de andar pela favela, mas nas suas várias formas de trabalhos, convivências que se tornam fundamental para a construção do seu corpo-empendedor e pela manutenção de sua imagem. Mas, o seu ponto de segurança, de fim de andanças é sua casa fixa sem contato com os traficantes. Observar também como se constrói o sentido de beleza para Rediane é importante para entender como o corpo-empendedor passa por mudanças para alcançar um olhar de aprovação do outro. Cuidar do corpo e estar sempre com uma aparência apresentável não está somente ligado à estética, mais do que isso: para Rediane significava estar ligado ao sentido de confiança. Partindo do princípio “*compra que eu uso e recomendo*”, como ser vendedora de maquiagem e nunca estar nem com um baton? Como dizer que sou empreendedora e não me posicionar como empreendedora? Apresentar todas essas qualidades desenvolvia nos clientes de Rediane confiança.

Neste capítulo foi apresentada outra mulher chamada Marielma que se caracterizava pela circulação entre as favelas. Somente em uma forma de trabalho, que são as vendas no baile. As convivências geradas pelo seu trabalho foram fundamental na construção do corpo-medo de Marielma. O ponto de segurança de Marielma era a esperança de sair desse tipo de trabalho e conseguir algo melhor para ganhar a vida. A construção da beleza dela não era algo estético de fazer bonita ou de gerar confiança. O sentido de beleza estava voltado para emagrecer para se tornar mais rápida para fugir de um possível tiroteio quando estivesse no trabalho. Prestar atenção em tudo a sua volta e em todos, colocar um short até o joelho, uma blusa de manga, cabelo preso e chinelos

significava para Marielma afastar olhares indesejados, pois *“eu estou aqui somente para vender e para vender bebida não preciso estar arrumada”*. Por se apresentar assim ela não desenvolvia muita confiança nos seus clientes. Contudo, podemos perceber que os corpos se movimentam e circulam de maneiras diferentes associados as suas demandas e seus pontos de vistas que geram virações nas vidas dessas mulheres.

CAPÍTULO 3: “O MELHOR É EVITAR”

O discurso é reflexo da realidade e o que está pra trás de um discurso? Não são apenas palavras.

José Luiz Fiorin

O objetivo deste capítulo é apontar como as pessoas que moram em favelas lidam com um constante “evitar” que ganha sentido em seus cotidianos. Para a análise desenvolvida neste capítulo utilizo primordialmente dois autores. O primeiro é Alexandre Werneck (2013) em *Sociologia da moral como sociologia da agência* que me permitiu pensar os atores como “atores competentes” porque eles conseguiriam acionar certos “dispositivos morais” em situações. A segunda autora com que trabalho é Jussara Freire (2013) em *Uma caixa de ferramentas para compreensão possível de públicos possíveis: um arranjo de sociologias pragmatistas*, pois a ideia é “[...] partir das percepções dos próprios atores sobre o que consideram justo e injusto, de situação em situação, e entender como estes ‘senso do justo e do injusto’ constituem a trama da construção da ordem pública” (pág.729)

Analiso neste capítulo quando é melhor “abrir mão”, “ficar calada”, “ocultar” em situações nas quais essas mulheres são agentes de suas próprias vidas. No primeiro tópico busco trabalhar com a ideia de que o melhor é “evitar as andanças”, ou seja, “não ficar de um lado para o outro”. Na segunda parte, busco analisar como o “evitar” se apresenta na vida dessas mulheres e como acarreta, em suas próprias falas, um risco. Na terceira parte, analiso as abreviações e ocultações que as palavras podem sofrer para apontar intimidade, envolvimento amoroso e afastamento no dia-dia. Na quarta parte, aponto os sentimentos de rivalidade e o sofrimento que podem ser gerados por “piriguetonas” e “novinhas”. No quinto tópico, a partir de um episódio que acontece com Marielma, podemos observar como em algumas situações o silêncio “vale ouro” e o não testemunhar é melhor ainda. Para última análise deste capítulo percebo que não somente a fala pode ser exposta de maneira errada, mas também as roupas podem ser geradoras de perigo e medo.

3.1 “É MELHOR EVITAR AS ANDANÇAS”

Era quinta-feira à noite quando liguei para Rediane e marcamos um encontro para o sábado seguinte. Meu objetivo era conversar com ela e acompanhá-la no seu dia-dia. Antes de ir para favela, sempre procuro acompanhar nos noticiários se no dia que irei estar ocorrendo alguma operação da polícia e também busco observar os moradores ali no local: se há correria, alguma agitação ou até mesmo alguma movimentação estranha.

Entrar na favela pelas ruas principais não me parece muito confiável. Rediane me instruiu que no momento em que eu estivesse entrando na favela por umas dessas ruas principais poderia ser surpreendida por um tiroteio entre policiais e traficantes ou entre traficantes e milicianos. Então, sempre busco um caminho alternativo para chegar à casa de Rediane.

Naquele sábado estava tudo aparentemente normal. Peguei meu ônibus e depois de alguns minutos cheguei à favela do Rola. Desci no ponto e atravessei a rua e entrei em um dos becos que dão acesso à favela e à casa de Rediane. Estava caminhando quando me deparei com um homem magro, com aparência de tranquilidade, sentado em uma cadeira de ferro apontando uma pistola para rua. Na verdade, eu estava na direção da pistola dele. Naquele momento pensei: *“se fizer uma curva e voltar ele vai cismar comigo, então, já que não devo nada vou seguir meu caminho”*

Quando se anda pelas favelas cariocas o que mais vemos são homens altamente armados, com seus fuzis passados no peito e armas nas cinturas. Porém, o que me chamou atenção foi aquele homem estar com sua arma apontada. Parecia uma típica cena dos filmes de faroeste: beco deserto, chão de barro e ninguém na rua, a não ser o traficante sentado com a arma apontada, e eu. Caminhei reto olhando para as casas em busca dos portões que estariam abertos, pois o meu medo era de algum carro parar na pista e atirar naquele homem sentado, ou ele revidar. Enfim passei por ele e pude caminhar para casa de Rediane.

Em outra visita à Rediane eu fui acompanhada por um amigo. Estávamos de carro e fomos primeiro ao Cezarão para falarmos com um conhecido nosso, e depois fizemos o retorno para entrar no Rola. Já era de noite e meu amigo estava nervoso e

preocupado com os olhares para dentro do carro pela constante presença de motos que ora estavam atrás, ora na nossa frente. Com tamanho nervosismo meu amigo deixou o carro morrer e ficou apavorado. Eu estava calma, e realmente achava que não tinha porque ter medo, passando assim tranquilidade para ele.

Alguns fatores elevam o grau de desconfiança dos traficantes para quem entra na favela. O carro em que estávamos saiu de uma área dominada por milicianos para entrar numa área dominada por traficantes, e isso deve ter chamado a atenção dos traficantes. Não existe uma proibição declarada de que não se possa transitar por entre as localidades. O que existe são alguns rumores, sussurros produzidos pelas pessoas se locomovem de que “*o melhor é evitar*”.

Para o homem a palavra “*evitar essa andança de um lado para o outro*” faz toda diferença, pois se um homem fica nessas andanças, o que ele quer? Pode estar levando informação, trazendo informação, comprando drogas, fechando com que lado? Para o homem há todo um questionamento de ambas as partes e o melhor “*é evitar*”.

Apesar de não ter minha pesquisa voltada para as vidas dos homens, em uma conversa informal, João me contou que “*evitava*” esses deslocamentos mais arriscados porque teria uma “*camada neurótica*”, “*sabe como é, esses caras aí cismam com tudo e outra, eles são covardes cheios de pó na mente*”.

A insegurança cerca a todos tanto homens, quanto mulheres, mas a modalidade da insegurança é diferente em sua relação com a diferença de gênero. Mulheres sofrem muitas formas de violências, são agredidas fisicamente, verbalmente. Alba Zaluar (2009) revela a partir de uma pesquisa que os homens quando são agredidos é de uma forma pública, na rua com os olhares de todos e muitas das vezes aos finais de semana, já as mulheres em sua maioria são agredidas em contextos privados dentro de casa com os olhares de filhos e nos dias de semanas. Ainda as pesquisas apontam que as mulheres são muito mais agredidas que os homens. Sem reduzir a dimensão violenta da sociabilidade das mulheres, pretendo enfatizar estratégias de viração diante da insegurança exercidas por essas mulheres, e como elas produzem seus próprios modos de “evitar”. Pois, uma vida em si não é estática, mas de movimento.

3.2 O QUE AS MULHERES TÊM QUE EVITAR?

Ao entrar na favela do Rola e me deparar com aquele traficante, tal como descrito na abertura deste capítulo, fiquei a pensar nas formas de coerções que podem sofrer algumas mulheres que vivem naquele local. O homem sentado representava em minha concepção a presença dos “donos” do lugar, e qualquer passo meu errado naquele momento poderia representar o fim. Em que momento das vidas dessas mulheres um passo errado, uma fala errada - “*falei o que não devia*”, “*falei demais*” – pode representar o fim ou um “pau”.

A coerção que quero tratar é a coerção que se apresenta nas escolhas feitas no uso de palavras e expressões na fala dessas mulheres. A partir desse ponto fica mais visível o que as mulheres têm que evitar. As mulheres da favela do Rola não são livres para se relacionarem com qualquer um. Para pensar esta questão pretendo me ater aos discursos: pensar o modo como estas mulheres manejam a língua para exercerem a liberdade em suas conversas, ou seja, o modo como algumas palavras ganham outros significados para elas poderem falar sem serem entendidas por todos. O entendimento fica restrito aos seus grupos de conversas.

Outros trabalhos, como as cartografias de mulheres⁴ nos ajudam a pensar outros caminhos a ser evitados evidenciados pelas narrativas das moradoras de favela. Existem algumas ruas, ou becos que servem de espaço de violência para bater em alguém, essas ruas são evitadas por parte das mulheres para não ficarem sabendo demais. Evitar uma rua por ser a principal também é uma estratégia, pois quando a polícia fizesse operação elas não estariam no meio do confronto. Em uma tarde estava sentada com Rediane na rua na frente do seu portão quando ela fez o seguinte comentário “- *esse menino passa dia todo na rua, daqui a pouco estar virando bandido e essa mãe dele é maluca, você precisa ver*”. Rediane queria me mostrar que a mãe do menino deveria “evitar” deixar seu filho o tempo todo na rua, pois “*na rua só se apreende o que não presta*”.

⁴ Cartografia social urbana: impactos do desenvolvimento e da violência institucional na vida das mulheres moradoras do Caju e de Manguinhos / Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015. Realização FASE – Rio de Janeiro. Parceria: Justiça Global.

Para essas mulheres o “evitar” maior era o encontro com os “polícias”. Para os policiais elas são todas mulheres de bandidos e por isso não são tratadas com respeito, mais com xingamentos, insultos pejorativos degradantes. Evitam ter confiança em policiais. Com isso, não quero dizer que todos os policiais possuem a mesma conduta, mais quero apresentar como as mulheres aprendem a trapacear com esses evitares que formam suas vidas.

3.3 INTIMIDADES COM OS “BANDS”, CUIDADO COM QUEM SAI COM “MELISSA”, E QUANDO É MELHOR DEIXAR AS CALOTEIRAS “PARA LÁ”

Rediane fazia referencia aos traficantes como sendo os “*bands*”. Mais de uma vez pude ouvi-la nomeando-os dessa maneira. Em uma de minhas visitas presenciei Rediane conversando com duas amigas sentadas em seu portão jogando conversa fora, quando em uma dessas conversas Rediane falou o seguinte:

– Garota! Tá sabendo? Um babado! fiquei sabendo que a Maria. A Maria da rua y!

Uma amiga: Não me lembro dela ...

- Claro que lembra... Maria filha da fulana de tal que anda toda se querendo. Garota nova já piranha.

_ - Ah sim, o que tem ela?

- Rum! Violeta me contou que ela anda saindo de “Melissa” por aí ... Maluca de se envolver nisso. Está tendo sorte que os “bands” não sabem (risos) Se souberem dão pau nela. ”

Seu marido a repreendeu de imediato: “*Rediane olha essa boca; para de falar da vida dos outros*”. E ela respondeu “*O que é!! vai tomar conta da sua vida*”.

Rediane faz um jogo com o discurso, na verdade, com a palavra que serve como jogo de palavras. Falar que alguém estava “saindo com uma melissa” parecia indicar que uma mulher que saía com uma especifica marca de sandália muito conhecida entre as mulheres por ser cara. Mas, no contexto do discurso de Rediane, “*melissa*” era na verdade “*miliciano*”. Ou seja, Maria estava saindo com um miliciano e isso era algo censurado.

O problema aqui apresentado fazia referencia à guerra existente entre os traficantes e os milicianos. Os campos não são assim tão fluidos, e é preciso evitar certas fronteiras na vida amorosa. E é justamente essa evitação que tem sentido para as

mulheres. As mulheres X9 não são bem vistas. Poderiam estar passando informações, ou a visão do lugar, preparando o lugar para os caras invadirem. Era assim o pensamento. Bourdieu aponta em a dominação masculina a submissão por parte das mulheres, submissão essa que eu quero trabalhar na própria fala. Na verdade você não pode falar assim de peito aberto o que pensa e o deseja: é preciso trapacear.

Quando Rediane chama os bandidos de “**bands**” pode-se pensar que ela faz apenas uma abreviação da palavra. Mas na relação que estabeleci com Rediane para a pesquisa percebi que para esta mulher utilizar a expressão “**bands**” tem um sentido de demonstração de intimidade com os “bandidos”, mesmo que essa intimidade seja apenas para passar uma mensagem do tipo: “*Oh, não mexe comigo não, não fica me devendo não*”.

Para Rediane sustentar a imagem de que se ela precisasse os bandidos estariam ali para resolver suas pendências era excelente. Para chamar alguém pelo nome, ou pelo apelido, ou até mesmo fazer uma abreviação do nome de alguém, o mínimo é que se tenha intimidade com estas pessoas. Mostrar, ou não mostrar o certo grau de intimidade vai depender dos benefícios que esse nível a aproximação pode trazer. Esse é o grande jogo das palavras: saber utiliza-las é uma arte.

Enquanto Rediane queria mostrar intimidade com os “bands” para evitar calotes, Marielma tinha sua própria economia moral para lidar com as “caloteiras” mantendo-se distante dos “bandidos”. Em uma das conversas que presenciei com Marielma, a mesma estava falando com sua irmã e disse assim: “*ela é maior sete, deixa ela essa “caloteira” pra lá*”. As palavras que Marielma utilizava ganhavam campos e significados diferentes das palavras usadas por Rediane. “**Caloteira**” é a pessoa que não honra suas dívidas. Mas não pagar para Marielma é algo tranquilo, mesmo que fique no prejuízo, ela dizia que um dia a pessoa iria colocar a mão na consciência e lembrar-se de pagar a quem deve. Marielma não via sentido em se envolver com os traficantes, ou seja, lá com quem for para cobrar a dívida. Toda uma moral tomava conta de Marielma e o senso de justiça fazia parte da sua vida, por isso o calote era algo difícil de ser cobrado, de ser exigido. E o melhor era não de aproximar dos bandidos.

3.4 “PIRIGUETONAS” E “NOVINHAS”: RIVALIDADES E SOFRIMENTOS

Em um dia em que eu estava com Rediane e ela comentou com uma amiga sobre uma mulher que se aproximava: *“iiiiii hoje eu não estou afim.. já vem a “piriguetona”... cadê aquele chifrudo do marido dela”*. Segundo Rediane algumas de suas amigas não eram leais a seus maridos, e para ela essa seria uma típica *“pireguetona”*: não possuía senso do ridículo para fazer tal baixaria. Não era porque estavam traindo, era pelo fato de serem velhas. O pior para Rediane, ela dizia, era uma mulher querer ser o que não tinha capacidade para ser, digo, querer ser gostosa, mas na concepção dela não ter nada de gostosa. Isso era o fim.

Em outra situação fui convidada por Marielma para ir a uma festa da sua família, pois seu primo estava fazendo aniversário. Ao chegar à festa cumprimentei a todos e me sentei na mesa em que Marielma estava sentada com seus filhos e amigos. Papo vêm, papo vai quando uma de suas amigas falou que seu ex – marido estava com uma *“novinha”* acabou a festa para Marielma. Na mesma hora ela chamou os filhos e decidiu ir embora.

O que dizer da *“novinha”*: a primeira vista trata-se de uma mulher mais jovem que possui a juventude a ser favor, dona de frescor da mocidade. Mas essas questões eram bem maiores para Marielma. Não era somente um problema com a idade, mas a *“novinha”* representava todo o problema de baixa autoestima que Marielma sofria, por não ser magra, por não se arrumar, por não ter tido o reconhecimento do seu ex-marido como uma mulher desejável. A *“novinha”* trazia tudo o que ela achava que não tinha. Muitas vezes a ouvia reclamar que: *“Pra eles eu não emagreço porque não quero. Acredita nisso? Falar é fácil! Marielma fecha boca. Marielma procura fazer uma bariátrica.”*

Mais uma vez as experiências de Rediane e Marielma contrastam no cotidiano da favela. Rediane enaltece a juventude, e critica as mulheres mais velhas, *“piriguetonas”*, que vivenciam sua sexualidade. Já Marielma sofre com a *“novinha”* que ocupou seu lugar na vida de seu marido, e cuja imagem a faz penar com tudo que ela sofre por não ser aos olhos de seus parentes: jovem, *“bonita”*, magra e aceita.

3.5 O SILÊNCIO NA HORA CERTA

Nesse ponto preciso retomar alguns episódios e falas de Marielma e Rediane para trabalhar com a ideia de silêncio na hora certa. Certa noite Marielma estava na sua barraca no baile funk e tudo estava indo bem quando ela olha pra um lado distante e percebe que uma menina estava apanhando do seu namorado. A agressão sofrida pela menina foi na rua e num final de semana, Alba Zaluar (2009) nos ajuda a perceber como acontece essa afirmação da masculinidade dominadora perante a mulher, seja por uma agressão, seja por xingamentos, ou pelo medo. Os bandidos ficaram sabendo do ocorrido e perguntaram se alguém tinha visto o que na verdade havia acontecido. Marielma contou que o medo a paralisou e optou pelo silêncio, pois não queria se envolver em nada. Nesse ponto fico a pensar no próprio ato de testemunhar e sobre como DAS (2011) reflete sobre as “*violações inscritas no corpo feminino [...]*” que são carregadas por subjetividades.

Era uma mulher que estava apanhando do seu namorado. Marielma me contou que enquanto ela olhava aquela cena surgiram várias perguntas na sua mente. Quem era aquela mulher que estava apanhando? O que ela fez para apanhar? O que houve? Em vista dessas perguntas o medo foi maior, e o silêncio tomou conta dos lábios “*no momento certo*”. Quem estava à procura de uma testemunha eram os bandidos. E pra quê? Qual o interesse deles? Como ela não considerava que os bandidos a viam como uma pessoa de confiança, ela se preocupava: e se ao falar o jogo virasse contra ela? Não era bom ser uma X9 na favela, por mais que fosse para ajudar.

Às vezes, o silêncio é o melhor caminho a ser percorrido, e silêncio nada mais é que um estado de quem se cala. Não foi a última vez que Marielma optou por se calar. Quando algum parente seu chamava sua atenção pelo fato do seu peso, ela dava de ombros, mas depois me dizia que sabia disso e ninguém precisava ficar lembrando. O corpo de Marielma é morada do silêncio, e carrega todas as marcas de subjetividade que foram estabelecidas pelos conflitos. A camada do silêncio toma conta do sentido desse corpo que ora é violentado fisicamente, ora emocionalmente, ora verbalmente na presente forma de habitar o mundo.

E o silêncio não só se apresenta no corpo como morada do medo, mas também pode se apresentar como uma maneira do “evitar”. Rediane tinha uma loja e no seu comércio ela vendia itens variados. Contudo, sua loja não tinha um nome: não pelo fato dela não ter tido a inteligência de personalizar, mais o motivo foi justamente a inteligência de

saber silenciar a marca de sua loja para não se tornar referência de ponto para os policiais. Para Rediane ter um nome seja “*Bazar da Nane*”, “*Bazar das utilidades*”, “*Bazar vem que tem*” era um risco. Tentei entender porque isso era um risco na concepção dela, pois já que havia outras lojinhas com suas marcas estampadas em seus banners. Ao analisar, cheguei à conclusão de que o “evitar” de Rediane estava ligado ao silêncio do não ter placa, do não ter banner, para não se tornar conhecida e torna-se mais vulnerável.

A minha tentativa de retomar alguns fatos já descritos foi para refletir em como o ato do calar-se “na hora certa” pode trazer para fora indagações, comportamentos, leis de sobrevivências, sentimentos que são evocados pela construção da subjetividade de cada um a partir dos corpos. Para sair do risco é preciso ter um gatilho na mente para acionar certas palavras que em outras vivências não teriam a mesma utilidade. “Silenciar”, “evitar” exprimem sentimentos de cautela.

Certa vez Marielma chamou minha atenção ao dizer “*Pra gente sobreviver é preciso fingir que não vimos certas coisas. Quem quer muito aparecer acaba com a boca cheia de bicho: é menina!*” Realmente ela tem razão por isso é necessário ter cautela no que vai falar e saber qual o melhor momento para dizer nada, para não colocar nada e fingir para sobreviver. Todavia, existem campos que não conseguem ser controlados pela cautela e geram momentos errados.

3.6 ROUPA QUE FALA ERRADO (ROUPA DE PUTA E A ROUPA DE POLÍCIA)

Rediane, desde quando a conheci, sempre gostou de ter um corpo bonito, exuberante que chamasse atenção e fosse capaz de arrancar elogios. Para ela, era uma questão de beleza cuidar do corpo. Em um período da sua vida ela começou a ganhar peso. Isso não a agradou e, por esse motivo, numa sexta-feira em que eu estava em sua casa, Rediane me chamou para acompanhá-la em uma academia, pois queria se informar dos preços, das atividades, e do que precisava fazer para ser aluna. Quando chegamos lá ela resolveu se inscrever e assim pagou a taxa e o valor da mensalidade e iniciaria na outra semana.

Depois de algumas semanas voltei na casa de Rediane a fim de conversarmos e nesse dia fiquei até um pouco mais tarde. Ela ia para academia malhar por volta das 18:00hrs e nessas conversas ela diz assim: “- *Menina! Já está na hora de eu ir malhar, hoje vou de bicicleta. Espera um pouco que vou me arrumar e a gente desce juntas*”. – Eu fiz um gesto de afirmação.

Quando eu percebi, Rediane esta na minha frente com um macacão de academia com estampa de oncinha, todo aberto nas costas. “- *Comprei mesmo só roupinha de malhar assim...meu amor! Quando eu ficar com uns pernões e um bundão eu quero mesmo amostrar. Se não amostrar tô gastando dinheiro pra quê?*” Nesse momento escuto barulhos de chaves no portão e percebo juntamente com Rediane que seu marido estava chegando do serviço. Quando seu marido entra, ele me cumprimenta e já olha para ela com um olhar de desaprovação e pergunta: “- *vai pra onde assim?*” e Rediane responde: “- *pra academia não está vendo?*” ele responde: “- *Mais precisa ir assim?*” e ela finaliza “- *Sim, precisa. Você está pagando alguma coisa? Então, eu vou do jeito que eu quiser... não é?*” Ele adentra pela casa e nós saímos.

Depois de uns meses, Rediane me contou que estava com sua amiga voltando de moto da academia com aquelas roupas “sexys” de malhar, quando a polícia estava fazendo um cerco. Ela me contou que um policial a parou e disse assim: “*Essa puta... deve ser mulher de bandido*”. Veillette&Nunes (2017) tratam sobre a questão da abordagem feita pelos policiais as mulheres e trazem o questionamento de que a “*mulher é sempre mulher de bandido, mãe de bandido, filha de bandido*” e “*seriam incapazes de ser outra coisa a mulher da favela “sem poder”*”. E esse estigma aparece na vida de Rediane e a fez ficar horrorizada e me perguntar “- *É a roupa que fala e que determina quem sou eu?*” Naquele momento não tive uma resposta plausível, porque estava a fim de entender a real situação.

Retomando a pergunta de Rediane a primeira coisa para pensar é se a “*roupa fala*” e, se fala, “*fala o quê?*” e “*por quem?*”. Naquela situação vivenciada por Rediane, ela estava inserida em um momento de conflito, onde as tensões estavam em um nível muito alto, e a roupa que Rediane estava “falando algo errado” naquele contexto. Naquele momento tornou-se roupa de puta pelos olhos e verbalmente pela boca de um homem que representava poder e autoridade.

A outra parte da pergunta de Rediane foi a roupa “*determina quem sou?*” Determinar algo é ser muito definitivo sobre um assunto, ou uma pessoa. Para Rediane

suas roupas não determinam quem ela é. Segundo ela, que mulher não gosta de chamar atenção. Nem por esse motivo, nem pelo o que sua roupa esteja dizendo, nada disso daria direito a ninguém achar que ela é o que ela não é.

Nessa parte gostaria de retomar um caso que aconteceu com Marielma para dialogarmos com as questões que apareceram para Rediane, mas a partir de outro ponto de vista. Marielma foi fazer um curso de vigilante, pois queria parar de trabalhar nas barracas do baile funk. Esse curso não era na favela, o que fazia com que ela saísse de sua casa e andasse até o ponto de ônibus para chegar ao seu destino. Antes do dia de aula ela ganhou uma roupa, um uniforme e até aí tudo bem. Quando chegou a casa e foi ver a roupa, percebeu que a camisa possuía um brasão que parecia com o brasão da Polícia Civil do Rio de Janeiro. Ela fazia o curso de tarde e voltava já era de noite. As pessoas poderiam confundir e se caísse na boca dos traficantes que ela estava no curso da polícia. Não teria conversa até conseguir comprovar que não se tratava de nada disso. Já teria apanhado, ou até mesmo morrido. O jeito foi não sair de casa uniformizada e deixar para colocar a blusa somente no curso.

Por algumas vezes conversamos sobre seu uniforme do curso e ela me disse assim: “- *É o meu uniforme fazer o quê? Só entra no curso com a camisa. Mais eu não fico andando por aí com essa camisa não.*”. Realmente os brasões eram parecidos, e no escuro poderiam ser facilmente confundidos. A roupa de Marielma “fala errado” porque pode defini-la como policial, e essa confusão torna-se perigosa pelo contexto de que Marielma fazia parte. Ela trabalhava perto dos traficantes, e ser ligada à hipótese de ser uma possível policial não era bom. Contudo, gostaria de pensar que tanto Rediane quanto Marielma estavam sendo “*determinadas*” pelo o que elas não eram. Em certos contextos as roupas podem falar errado e não transmitir a real verdade.

A partir dessas várias situações procuro trabalhar com a ideia de Alexandre Werneck (2013) para trazer um embasamento teórico sobre como essas mulheres se tornam atores competentes em suas decisões. Para Werneck existe nos atores uma agência da moral que seria colocada para fora em dadas situações. Em seu texto Werneck começa trazendo o “*seu ponto de vista pragmatista como actância na sociologia da moral. A utilização da agência do agente e da agência da estrutura não como dispositivos, mobilizações conforme as gramáticas situadas da vida social os mostrem necessários e cabíveis.*” (pág.707). Ainda de acordo com Werneck (*idem*), agir no social passa a ser se deparar com os desafios situacionais e lançar mão

competentemente de coisas do mundo para dar conta das ações/situações. Pois como são dimensões da agência, da capacidade de decidir por si o curso da ação. As diversas situações relatadas neste capítulo evidenciam este aspecto na vida de Rediane e Marielma.

Para Rediane era conveniente passar a imagem de que era colocada com os caras (bandidos), quando não era interessante ter essa imagem ela se desvinculava deles. Em cada situação em que Rediane e Marielma passavam elas tinham a capacidade de julgar suas próprias ações e realizar escolhas conforme o andar da favela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PELO CIRCULAR DAS MULHERES

Em todo este trabalho o ato de circular foi essencial para a conclusão. Através das trajetórias de vidas de Rediane e Marielma podemos enxergar a favela como apontam Veillette & Nunes (2017) pelos olhares e articulações das mulheres. Foi a partir desta perspectiva que cheguei à conclusão de que até o meu escrever passava por esses movimentos de ir e vir da favela do Rola repleto não só dos olhares de Rediane e Marielma, mas também do meu olhar como mulher. Procurei entender as dinâmicas presentes nesses espaços e assim analisar como suas virações no dia-dia produzem uma percepção que faz da favela também um lugar de oportunidades de crescimento.

Enquanto acompanhamos as trajetórias dessas mulheres podemos perceber a ação do tempo nessas vidas. Rediane começa esta pesquisa sem o desejo de ter um filho, mas como a vida sempre passa por muitas mudanças ela finaliza esta pesquisa com um filho nos braços e me dizendo “*Que nunca não conheceu felicidade maior do que aquela*”. O tempo para Rediane trouxe um desejo antes não desejado mais que agora era motivo de alegria.

O tempo para Marielma traz inúmeras perdas: no começo desta pesquisa no ano de 2016 ela começa a pesquisa com dois filhos, mas infelizmente só termina com um, pois seu filho ainda menino entrou para uma triste estatística de “desaparecidos” por um possível envolvimento com o tráfico. Essa ação do tempo gera em nós sentimentos de alegrias, tristezas, medos, que estão ligados a essa nossa movimentação pela cidade. Uma vez eu me indaguei: Nossa! Quantas mudanças essas mulheres sofreram? Mais isso é lidar com vidas; é saber que as pessoas estão expostas a todas as variações que nem sempre são geradas por elas, mas sempre são sentidas por essas pessoas. Porque estão sempre em constantes mudanças.

Saber ultrapassar os espaços existentes com suas fronteiras faz essas mulheres se tornarem guerreiras, corajosas que mesmo feridas continuam a caminhar os percursos impostos nos seus cotidianos. Essa movimentação tem ocasionado uma profunda movimentação econômica. Sem dúvida, existem várias maneiras de habitar a cidade e essas maneiras nos evidenciam uma diferença presente de mulher para mulher, de homem para homem e de mulher para homem, e são essas várias diferenças que vão tecendo todo pano de fundo dessa nossa cidade. É importante trazer para pauta como as favelas que constituem a Zona Oeste do Rio de Janeiro são vividas por seus moradores, dando ênfase para as mulheres desses lugares. Mostrar esses caminhos pelo véis das

mulheres, evidenciando o fato de que homens e mulheres possuem diferentes formas de habitação e circulação pelas fronteiras da cidade.

Pelo circular dessa minha pesquisa fiz várias descobertas. A primeira é que tem uma história sobre as mulheres nas favelas que é diferente das dos homens. Pois elas ganham papel de protagonistas das suas próprias histórias através de seus próprios olhares. Contudo, não tem como falar de “mulheres” como um todo. Englobando todas em mesmo nível. Rediane e Marielma me ensinam que as mulheres também possuem histórias diferentes e cada uma dessas histórias é escrita por suas profissões, relações afetivas, corporais e familiares que cercam o cotidiano dessas mulheres as fazendo serem únicas. Mesmo, que possuam histórias parecidas, cada vivência é única e diferente.

As mulheres atuam como “atores competentes” em situações concretas no cotidiano das favelas, agenciando suas forças e suas fragilidades; enfrentando coisas e evitando outras.

Outro ponto, é que há mobilidades para mulheres impossíveis para os homens e mobilidades para homens impossíveis para mulheres. Essa pesquisa me mostrou também que para entender isso tudo é preciso uma pesquisa nas entranhas de vidas nas favelas. A partir de uma proximidade com a favela e com os atores que buscasse pesquisar.

Circular por uma favela de Santa Cruz, Zona Oeste do Rio de Janeiro e escolher pesquisar na favela do Rola em um lugar 100% representado pela violência instituída pelo cenário de guerra, conflitos e disputas de forças, entre traficantes e milicianos evidenciado nos jornais por seus embates que afetam todos os moradores de Santa Cruz, mas, contudo escolher contar outras histórias me faz pensar em quantos outros lugares são formados por cenários caóticos que também buscam ser escritos não por suas linhas de guerras mais pelas vidas guerreiras de seus atores. De mulheres, que precisam lidar com vários enfrentamentos, seja pelo pão de cada dia, por justiça pelos seus entes queridos, por sua liberdade de expressão, nos fazem enxergar a importância dessa pesquisa. Finalizo dizendo que essa pesquisa não teve como ponto principal a violência desse lugar mais meu fiel objetivo foi de apresentar outra perspectiva dessa favela através das mulheres especialmente Rediane e Mareilma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, Patricia. Feitiçarias, Territórios e Resistências Marginais. MANA 15(2): 321-348, 2009.

BAHIA, Ryanne F. Monteiro. Quando a pobreza toma corpo: Análise sociológica de O cortiço, de Aluísio Azevedo. Baleia na Rede, Estudos em arte e sociedade, Vol.9, n.1,2012.

BOURDIEU, Pierre. Dominação masculina. Ed. BestBolso, 2014.

CABANES, Robert... [et al.] (orgs). Saídas de emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo. Viração: O comércio informal dos vendedores ambulantes. ed. Boitempo, 2011.

COLLIER, Stephen J. Topologies of power: Foucault's Analysis of Political Government beyond 'Governmentality'. Theory Culture Society, 2009.

DAS, Veena; POOLE, Deborah. El estado y sus márgenes. Etnografías comparadas. Cuadernos de Antropología Social, Buenos Aires, n. 27, 2008.

DAS, Veenas. O Ato de Testemunhar: Violência, gênero e subjetividade, *cadernos pagu* (37), julho-dezembro de 2011:9-41.

DE VASCONCELOS, Naumi. A. SUDO, Iana. SUDO, Nara. Um peso na alma: corpo gordo e a mídia. Revista mal-estar e subjetividade / FORTALEZA / V. IV / n. 1 / p. 65 - 93 / MAR. 2004.

DOUGLAS, M. ISHERWOOD, B. O mundo dos bens: uma antropologia do consumo. Rj. Ed. UFRJ, 2004. Cap 3 e 4.

FACINA, Adriana. "Vou te dar um papo reto": linguagens e questões metodológicas para uma etnografia do funk carioca, 2008.

FIOROTTI, Cíntia. Trabalho e Identidade: Um estudo sobre as vendedoras de produtos por catálogo e a organização das empresas Avon e Natura. 2009.

FRAVET- SAADA, Jeanne. "Ser Afetado" cadernos de campo, n:13 155-161,2005. Tradução: Paula Sirqueira e Revisão: Tânia Stolze Lima.

GAUTERIO, Carla Rosane Mattos. DA SILVA, Méri Rosane Santos. Corpo Gordo Feminino: concepções de si. VII congresso sulbrasileiro de ciências do esporte. Matinhos/PR, 2014.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais, Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

KEINERT, Fabio Cardoso. Resenha: André Singer. Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador. São Paulo, Cia das Letras, 2012. 276 pp. Novembro de 2012. Pp 255-260.

KOPPER, Moisés. Artigo Dos mercados informais às políticas não hegemônicas de valor: Olhares cruzados entre Porto Alegre e Buenos Aires na produção de objetos e sujeitos camelôs, Revista de Antropologia 58(2)-2015.

LOPES, Adriana e FACINA, Adriana. Cidade do funk: expressões da diáspora negra nas favelas cariocas. In: Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, n.6, 2012, p.193-206

LOPES, Natânia. Os Bandidos da Cidade- formas de criminalidade da pobreza e processo de criminalização dos pobres. Rio de Janeiro- Rj. UERJ, 2011.

MATTOS, Carla dos Santos. “Humildade” no “desenrolo”: força, autoridade e autonomia nas interações entre traficantes e moradores em uma favela carioca. 38º. Encontro Anual da ANPOCS, 2012.

MEIRELLES, Renato. ATHAYDE, Celso. Um país chamado favela: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira- São Paulo: editora Gente, 2014.

MENEZES, Palloma Valle. Os rumores da ‘Pacificação’: A chegada da UPP e as mudanças nos problemas públicos no Santa Marta e na Cidade de Deus. DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social - Vol. 7 - no 4 - OUT/NOV/DEZ 2014 - pp. 665-684.

MILLER, Daniel. Why some things matter. In: MILLER, D. (Ed.). Material cultures. London: UCL Press, 1998. p. 3-21.

MORAES, Vinicius de. Nova Antologia Poética. São Paulo- SP. Ed. Companhia das Letras, 2013.

NEVES, Ivon. Reportagem sobre Revendedoras de sucesso do Jornal Hoje da Globo. Acesso disponível no site: www.autonomobrasil.com/revender-boticario.com data de acesso: 13 de dezembro de 2016. 18h50min:14s.

ROCHA, Lia de Mattos. Da “cidade integrada” ao “empreendedorismo”: participação e gestão nas margens em tempos de “pacificação”. 38º Encontro Anual da Anpocs Caxambu - Minas Gerais. Outubro de 2014 GT 34: Sobre Periferias - Novos Conflitos no Espaço Público.

SILVA, Marcella Carvalho de Araújo. Notas etnográficas sobre o empreendedorismo em favelas cariocas. *Etnográfica Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia* vol. 21 (3) | 2017.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. Da informalidade à empregabilidade: reorganizando a dominação do mundo do trabalho, *Caderno CRH*, n. 37, julho/dezembro. 2002, pág 81-109.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. *Vida sob cerco: Violência e Rotinas nas favelas do Rio de Janeiro. Favela é comunidade? – Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 2008.*

TELLES, Vera da Silva. *A cidade nas fronteiras do legal e ilegal. Belo Horizonte: Fino Traço, 2010.*

TELLES, Vera da Silva. *Ilegalismos Urbanos e a cidade. Novos Estudos 84 | | Julho, 2009.*

TOMMASI, Livia De. & VELAZCO, Dafne. A produção de um novo regime discursivo sobre as favelas cariocas e as muitas faces do empreendedorismo de base comunitária, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil*, n. 56, p. 15-42, jun. 2013. DOI.

VALLADARES, Licia do Prado. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.*

VALLADARES, Licia do Prado. *A gênese da favela carioca, 2000.*

ZALUAR, Alba. *Agressão Física e Gênero Na Cidade Do Rio De Janeiro, RBCS vol.24 n° 71 outubro/2009.*

VEILLETTE, ANNE-Marie & NUNES, Nilza Rogéria de Andrade. *As mulheres e os efeitos da pacificação das favelas do Rio de Janeiro: compreendendo o gênero na política de segurança. O Social em Questão - Ano XX - n° 38 - Mai a Ago/2017.*

ZALUAR, Alba. A máquina e a revolta: As organizações populares e o significado da pobreza. Editora brasiliense, 1985.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. Um século de favela. 5º edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.